



UNIVERSIDADE FEDERAL DE CAMPINA GRANDE
UNIDADE ACADÊMICA DE LETRAS
CENTRO DE HUMANIDADES

EMMANUELLE SILVA FREIRE PEREIRA

LITERATURA INFANTIL CONTEMPORÂNEA: UM ESTUDO DA
OBRA *CHÁ DE SUMIÇO E OUTROS POEMAS ASSOMBRADOS*, DE
ANDRÉ RICARDO AGUIAR.

Campina Grande – PB

2018

EMMANUELLE SILVA FREIRE PEREIRA

LITERATURA INFANTIL CONTEMPORÂNEA: UM ESTUDO DA
OBRA *CHÁ DE SUMIÇO E OUTROS POEMAS ASSOMBRADOS*, DE
ANDRÉ RICARDO AGUIAR.

Monografia de conclusão de curso apresentada
ao Curso de Letras – Língua Portuguesa, da
Universidade Federal de Campina Grande,
como requisito parcial para obtenção do título
de Graduação em Licenciatura Letras-
Português, sob a orientação da Profa. Dra.
Rosângela de Melo Rodrigues.

Campina Grande – PB

2018

EMMANUELLE SILVA FREIRE PEREIRA

LITERATURA INFANTIL CONTEMPORÂNEA: UM ESTUDO DA
OBRA *CHÁ DE SUMIÇO E OUTROS POEMAS ASSOMBRADOS*, DE
ANDRÉ RICARDO AGUIAR.

Monografia de conclusão de curso apresentada
ao Curso de Letras – Língua Portuguesa, da
Universidade Federal de Campina Grande,
como requisito parcial à conclusão do curso.

Aprovada em ____ de _____ de _____.

Banca Examinadora:

Profa. Dra. Rosângela de Melo Rodrigues - UFCG

Examinadora

Profa. Ms. Francy Izabelly de Oliveira Macedo - UFCG

Campina Grande – PB

2018

Primeiramente, dedico este trabalho a Deus, que não me deixou fraquejar, nem tampouco desistir e com sua infinita bondade me deu forças e sabedoria para chegar até aqui.

À minha mãe, Maria de Lourdes Silva Pereira, a meu pai, Paulo Freire Pereira, à minha irmã, Débora Silva Freire Pereira, à minha avó, Carmelita, por serem grandes colaboradores e incentivadores, contribuindo para o meu crescimento acadêmico, profissional e pessoal. Aos meus avós paternos: Maria da Penha e João Soares (*in memoriam*), que sempre serão grandes exemplos de dignidade e caráter para mim.

AGRADECIMENTOS

Agradeço a Deus, pois é dEle que provém a minha força, fé e esperança.

À minha mãe, Maria de Lourdes Silva Pereira, quero agradecer a compreensão por minha ausência nos afazeres domésticos, pois sei que ela necessita de minha ajuda; a sua dedicação e conselhos, que me conduziram a ser quem eu sou, nos momentos difíceis, durante essa longa caminhada, foi usada por Deus como instrumento de conforto nos quais eu passei em meio às lágrimas e angústias, além do seu amor incondicional que sempre expressou nas atitudes em fazer o que parecia ser impossível se concretizar.

Ao meu pai, Paulo Freire Pereira, que mesmo mostrando-se rígido e pouco afetuoso, não sabia que de fato seu afeto me afetava quando se preocupava em me acordar nos dias e horários para que eu não faltasse ou perdesse o horário das aulas durante essa caminhada.

À minha irmã Débora, que por ser criança, mesmo sem ter muita noção do que é o ambiente acadêmico, compreendia que no período da noite eu precisava do silêncio para atingir a concentração para a produção dos meus trabalhos acadêmicos.

Aos demais familiares e às pouquíssimas amigas de curso que com palavras de incentivo me ajudaram a ser resistente para chegar até aqui.

A Rosângela, que foi compreensiva nos momentos de dificuldade, e que com toda paciência conduziu as orientações para que esta pesquisa fosse concluída com o êxito esperado.

Quero agradecer a todos os professores da Unidade Acadêmica de Letras/UFCG que contribuíram compartilhando o conhecimento. Não esquecendo também dos funcionários administrativos que estavam sempre presentes, atenciosos e dispostos a ajudar no que fosse preciso.

“Um bom poema pode ser estudado, relido e meditado vezes sem conta pelo resto da sua vida. Você jamais cessará de encontrar coisas novas nele, novos prazeres e encantos, e também novas ideias a respeito de você mesmo e do mundo”. (Adler e Doren, 1974, p. 219)

RESUMO

A literatura infantil utiliza de diversos recursos para atrair seus leitores para as mais variadas obras existentes. A presente monografia trata de analisar as particularidades das poesias: “De pai para filho”; “Salário de monstro”; “Chá de sumiço”; “A alma do negócio” e “Classificados” da obra *Chá de Sumiço e Outros Poemas Assombrados*, do escritor André Ricardo Aguiar (2013). Sendo assim, o trabalho monográfico tem como objetivo geral analisar, a partir de poesias da obra, o processo de construção da imagem humana nos monstros, através da personificação de sentimentos e situações, tendo em vista que os personagens são do conhecimento das crianças e as temáticas são uma tentativa de representação da realidade. Para atingirmos os objetivos propostos, será utilizada uma análise de conteúdo, tendo em vista que a pesquisa se preocupa em aprofundar o estudo. Como resultados, observamos que André Ricardo Aguiar busca em sua obra trazer situações da vida real, tendo em vista que os seres sobrenaturais são personificados a partir da realidade humana, como sentimentos e emoções. Desta forma, é justamente a partir disso, que esses seres tornam-se uma representação delicada da realidade, mostrando para as crianças situações da vida para que elas possam aprender e entender. Sendo assim, concluímos que o autor busca manter o susto que é viver de maneira divertida a partir das poesias e seu caráter lúdico, tendo em vista que verdadeiro susto e monstros são os problemas que temos e enfrentamos diariamente.

Palavras-chaves: Crianças. Literatura infantil. Poesias.

LISTA DE FIGURAS

FIGURA 1: De pai para filho	22
FIGURA 2: Salário de monstro	27
FIGURA 3: A alma do negócio	31
FIGURA 4: Classificados	36
FIGURA 5: Chá de sumiço	40

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	9
2 CAPÍTULO 1 – A IMPORTÂNCIA DA LITERATURA INFANTIL PARA O DESENVOLVIMENTO INTELECTO PROSPECTIVO DA CRIANÇA: DA IMAGINAÇÃO PARA A VIDA	12
2.1 AS MUDANÇAS NA DIVULGAÇÃO DOS ESTUDOS LITERÁRIOS NO DECORRER DO TEMPO	13
2.2 LITERATURA INFANTIL: UM MEIO DE CRESCIMENTO DA LEITURA COM MEDIADOR NA LITERATURA	14
2.3 O TEXTO E A IMAGEM CONCEITOS INTERLIGADOS	15
2.4 O PAPEL DA LITERATURA NO PROCESSO DE LETRAMENTO E SUAS CONTRIBUIÇÕES A PARTIR DO USO DE POESIAS.....	16
3 CAPÍTULO 2 – A FANTASIA EM DETALHES	20
3.1 RELAÇÃO FAMILIAR: UMA COMPLEXIDADE PARTICULAR.....	23
3.2 O VERDADEIRO SUSTO: UM MONSTRO SOCIAL.....	28
3.3 O NEGÓCIO DO NEGOCIANTE	32
3.4 O SEGREDO DA PROPAGANDA É A TRANSPARÊNCIA	37
3.5 O VERDADEIRO SENTIDO DE SUMIÇO	41
4 CONSIDERAÇÕES FINAIS	44
REFERÊNCIAS	
ANEXOS	

1 INTRODUÇÃO

A literatura tem um caráter bastante importante, visto que, assim como a língua que ela utiliza, serve como meio de comunicação, cumprindo com seu papel de transmissão de conhecimentos; cultural e interação social. Ela ainda tem como tendência expor formas críticas de abordar o mundo e promover denúncias sociais. No entanto, vale lembrar que existem várias definições e tipos de literatura. Dentre eles, temos a Literatura Infantil, que tem como objetivo explicar conteúdos de forma lúdica e com linguagens leves ao seu leitor, contribuindo ainda de forma contínua no processo de formação de cada leitor/cidadão.

A presente monografia trata do estudo analítico da obra *Chá de Sumiço e Outros Poemas Assombrados*, do escritor André Ricardo Aguiar, que nasceu em 1969, na cidade de Itabaiana, na Paraíba. André Ricardo Aguiar é autor do livro de contos *Fábulas portáteis* (Patuá, 2016) e de poemas *A idade das chuvas* (Patuá, 2013), *A Flor em Construção* (Editora Ideia, 1992) e *Alvenaria* (Editora Universitária/UFPB, 1997). Na literatura infanto juvenil publicou *O rato que roeu o rei* (Rocco, 2007) e *Chá de sumiço e outros poemas assombrados* (Autêntica, 2013), ambos selecionados pelos PNBEs para as bibliotecas estaduais de todo o Brasil. Participou de revistas como *Correio das Artes*, além de eventos literários como *Flibo* (Boqueirão-PB) e de diversas antologias. É membro-fundador do Clube do Conto da Paraíba e coordenador de projetos de incentivo à leitura, como o Encontro das Traças.

O livro *Chá de Sumiço e outros poemas assombrados*, publicado em 2013 pela Editora Autêntica, em Belo Horizonte, é composto por 25 poesias. Neste trabalho analítico, serão abordados aspectos característicos de uma literatura infantil contemporânea que buscam mostrar aspectos lúdicos na construção da maturidade infantil. O autor busca mostrar aspectos da vida adulta para as crianças através dos monstros nas poesias infantis, trazendo situações da vida real que as pessoas enfrentam. Além disso, outros aspectos também serão abordados como o desenvolvimento intelecto e social da criança; a importância da literatura infantil no processo de letramento e com uso de poesias.

A presente pesquisa justifica-se ao propor a análise de uma obra ainda não estudada no curso de Letras da Universidade Federal de Campina Grande, e visa abordar um autor paraibano contemporâneo bastante conhecido, porém pouco estudado. A pesquisa tem intuito ter continuidade em pesquisas futuras; possui um

caráter importante para pesquisadores e para professores do ensino fundamental, pois demonstra a relevância de estudar um escritor paraibano valorizando a literatura e a cultura nordestina. Além disso, temos como objetivo geral analisar, a partir de poesias da obra, o processo de construção da imagem humana nos monstros, através da personificação de sentimentos e situações, tendo em vista que os personagens são do conhecimento das crianças e as temáticas são uma tentativa de representação da realidade. Temos como objetivos específicos analisar a semântica e a estrutura das poesias; as relações entre crianças e seus monstros, dentre outros aspectos particulares que serão abordados.

A metodologia que mais se adequa, diante dos objetivos desta pesquisa, no sentido de responder aos questionamentos temáticos, é a pesquisa qualitativa quanto à sua abordagem, a revisão bibliográfica e ao caráter exploratório, e documental quanto ao seu procedimento, que servirão de base para o enfrentamento do *corpus* analítico, além do uso do conhecimento empírico e científico para análise de uma forma geral da obra para que assim possamos verificar as particularidades das poesias escolhidas: “De pai para filho”; “Salário de monstro”; “Chá de sumiço”; “A alma do negócio e Classificados”.

Galvão (2010) aponta as vantagens desse tipo de método:

Pode-se afirmar, então, que realizar um levantamento bibliográfico é se potencializar intelectualmente com o conhecimento coletivo, para se ir além. É munir-se com condições cognitivas melhores, a fim de: evitar a duplicação de pesquisas, ou quando for de interesse, reaproveitar e replicar pesquisas em diferentes escalas e contextos; observar possíveis falhas nos estudos realizados; conhecer os recursos necessários para a construção de um estudo com características específicas; desenvolver estudos que cubram lacunas na literatura trazendo real contribuição para a área de conhecimento; propor temas, problemas, hipóteses e metodologias inovadoras de pesquisa; otimizar recursos disponíveis em prol da sociedade, do campo científico, das instituições e dos governos que subsidiam a ciência. (GALVÃO, 2010, p. 377)

De acordo com a definição de Gerhardt e Silveira (2009), o método de revisão bibliográfica é um apanhado de diversas obras, como livros, artigos, dissertações e teses, que fornecem suportes para fundamentações acerca de um determinado tema.

A pesquisa aqui apresentada está organizada em dois capítulos. O Capítulo 1 trata dos pontos teóricos principais da pesquisa: A importância da literatura infantil para o desenvolvimento intelectual prospectivo da criança: da sua imaginação para a vida, e como as mudanças literárias ocorreram no decorrer do tempo. Em seguida, constam as

considerações sobre a literatura infantil como um meio de crescimento para a criança a partir da leitura com mediadora; o texto e a imagem: conceitos interligados; o papel da literatura infantil no processo de letramento e suas contribuições através do uso de poesias. Já no Capítulo 2 temos a análise dos poemas escolhidos da obra *Chá de sumiço e outros poemas assombrados*.

Este trabalho está ancorado nas concepções acerca do desenvolvimento intelectual e social da criança a partir dos autores da Psicanálise: Bettelheim (1997), Corso, D. L.; Corso M.(2006). Em relação ao papel da literatura no desenvolvimento infantil consultamos os autores: Corsino (2009), Magda Soares (2004). Quanto à leitura das poesias, partindo da abordagem de interpretação, temática, linguagem, estrutura e ilustrações: Colomer (2017), Goldstein (1997), Nicolajeva e Scott (2011), dentre outros teóricos.

2 CAPÍTULO 1 – A IMPORTÂNCIA DA LITERATURA INFANTIL PARA O DESENVOLVIMENTO INTELECTO PROSPECTIVO DA CRIANÇA: DA IMAGINAÇÃO PARA A VIDA

Por volta do século XVII, surgiram as primeiras histórias de literatura infantil para leituras a partir do momento em que a criança começou a ser valorizada e reconhecida, considerando suas particularidades. No Brasil, surgiu no final do século XIX e naquela época, os livros de literatura infantil tinham pouquíssima circulação e traduções nacionais, ocorrendo de forma efetiva apenas bem próximo à Proclamação da República.

A criança paulatinamente passou a receber uma educação adequada com sua faixa etária e não mais a ser tratada no mesmo nível dos adultos. Logo, tornou-se necessário uma literatura para crianças. O mundo da literatura infantil possui diversas características, tornando-se peculiar. Com base nisso, a maioria dos livros sobre gênero buscam teorizar e questionar se a literatura infantil é um instrumento pedagógico ou arte, fato esse que se impôs após a segunda metade do século XIX. Participando da discussão, Coelho (2000) dá início as suas impressões sobre o tema: “Literatura infantil é, antes de tudo, literatura; ou melhor, à arte: fenômeno de criatividade que representa o mundo, o homem, a vida, através da palavra.” (COELHO, 2000, p. 9)

A literatura infantil no ambiente escolar tem como algumas de suas funções auxiliar a estimulação do imaginário; auxiliar professores a reconhecer aspectos das habilidades das crianças e suas dificuldades enquanto ser em formação; desenvolver habilidades de leitura e oferecer diversas soluções alternativas para diferentes problemas existentes no processo de letramento. Ressureição (2005) afirma que é possível reconhecer a importância que a leitura tem como influenciadora na capacidade de aguçar a imaginação, além de contribuir para o desenvolvimento da criança e até mesmo de sua personalidade, mexendo com suas emoções e sentimentos mais íntimos.

Corso e Corso (2006, p. 17) se dedicam à literatura voltada à fantasia, resolutive de conflitos, constitutiva de identidades, criadora de espaços psíquicos tão reais e potentes quanto a dita realidade da vida. Os autores acreditam que:

[...] As histórias infantis incluem sempre elementos assustadores que ensinam os pequenos a conhecer e enfrentar o medo [...] Ouvir histórias é um dos recursos de que as crianças dispõem para desenhar o mapa imaginário que

indica seu lugar, na família e no mundo (CORSO e CORSO, 2006, p. 19)

A imaginação tem um papel crucial para o desenvolvimento da criança, em seu aspecto cognitivo, visto que está estritamente ligada ao comportamento que a mesma terá futuramente, enquanto adulto. A criança não exige do adulto uma leitura “infantil”, ela espera dele uma leitura clara e objetiva, para que sua compreensão e imaginação sejam ativadas. Segundo Postic (1993):

Imaginar é evocar seres, colocá-los em determinada situação, fazê-los viver como se quer. É criar um mundo a seu bel-prazer, libertando-se. Tudo é possível. Tudo acontece. (...) Na vida cotidiana, imaginar é uma atividade paralela à ação que exercemos ligadas à realidade. A imaginação é um processo. O imaginário é seu produto. (POSTIC, 1993, p.13)

A infância ainda é, de acordo com o pensamento de alguns adultos, uma fase “boba”, com pouca relevância, havendo assim um mal-entendido a respeito da verdadeira essência da infância. Infelizmente, esse tipo de lógica também parte de alguns jovens, mas é possível realizar um trabalho para que algumas leituras literárias possam ser construtivas, favorecendo ainda de forma desconstrutora um pensamento menos preconceituoso para esses jovens e adultos leitores.

2.1 AS MUDANÇAS NA DIVULGAÇÃO DOS ESTUDOS LITERÁRIOS NO DECORRER DO TEMPO

De acordo com Marisa Lajolo (1984), a literatura infantil brasileira, a partir do final do século XX, vem apresentando maior padrão de qualidade, sendo reconhecida até internacionalmente. Por outro, para realizar uma reflexão sobre as tendências atuais da literatura infantil contemporânea, deve levar-se em consideração alguns fatores: analisar as relações de produção, os textos, as temáticas, reflexos da estética na obra, o contexto no qual foi gerada, o meio de circulação até a recepção e o consumo.

A literatura infantil sofreu uma série de mudanças desde 1970/1980 até os dias atuais. Entretanto, pode-se afirmar que 40 anos, historicamente, pode parecer não ser tempo suficiente para fazer esse tipo de diagnóstico, porém, é possível delimitar a trajetória e as tendências da literatura infantil no Brasil. Essa renovação ocorre em 1970 e vai solidificando-se nas seguintes décadas.

Marisa Lajolo e Regina Zilberman (1984), apresentam tendências nas décadas de 70/80, sendo elas: através da miséria e do sofrimento infantil, é feita uma representação realista do contexto social a partir de críticas da própria sociedade brasileira; a imagem

de uma criança obediente passa a ser superada pela criança com rebeldia; a valorização de aspectos gráficos da criatividade, além do crescimento de alguns gêneros, temáticas e procedimentos narrativos de metalinguagem e intertextualidade.

Dentre essas mudanças, o precursor da renovação do gênero foi Monteiro Lobato, estabelecendo bases para a literatura destinada a crianças do Brasil, com intuito de romper os padrões europeus em que as crianças eram vistas como adultos, não só nas responsabilidades, principalmente no trabalho, por isso, a sua grande importância na literatura infantil brasileira.

Atualmente, existe uma grande oferta de serviços e de produtos para crianças e adolescentes, principalmente via internet, causando concorrência com os livros. As crianças não esperam mais apenas por contos de fadas, pelo simples fato de que os tempos mudaram para as famílias e escolas.

Desta forma, podemos afirmar que o autor André Ricardo Aguiar estabelece na obra em pauta intertextualidade com as crônicas dos personagens de terror, fazendo referências a Frankenstein, vampiros, zumbis, morcego, almas, monstros, fantasmas, bicho papão, bicho papinho, bruxa, múmia, medusa, lobisomem, mula-sem-cabeça, casa assombrada, etc. Sendo assim, ele consegue reunir em sua obra a presença da mitologia, folclore, ditos populares, de forma lúdica em poemas curtos, líricos e bastante humorados. Castelos, príncipes, princesas, reis e rainhas passam a dar lugar a personagens mais próximos da cultura popular brasileira e, nordestina.

2.2 LITERATURA INFANTIL: UM MEIO DE CRESCIMENTO DA LEITURA COM MEDIADOR NA LITERATURA

Torna-se uma missão desafiadora para a escola o processo de formação de crianças e jovens leitores. Entretanto, é importante destacar que os textos didáticos não formam leitores, mas são essenciais para a formação global das pessoas. Por isso, tendo em vista que a formação do sujeito/leitor é contínua, faz-se necessário a mediação do professor para formar um leitor competente que entende aquilo que lê a partir da percepção de informações implícitas, conseguindo relacionar o texto que lê com outros textos já lidos, observando que várias opiniões podem ser encontradas no mesmo texto, sendo assim, fundamental para o conhecimento humano.

Atualmente, os professores são agentes principais e mediadores da leitura, considerando o fato de que possuem mais influência do que as famílias e demais

organismos sociais nesse processo. A leitura exige esforço. Ler torna-se um processo de decodificação e extração dos sentidos que se encontram no texto; nele o leitor tem um papel crucial, tendo em vista que elabora hipóteses a respeito do que há no texto. Sendo assim, podemos afirmar que a leitura é o resultado de uma interação entre o texto, leitor e autor.

A literatura infantil vai além da função educadora, pois ela diverte, e tem função formadora social na vida da criança, a partir das atividades e ideias que são retiradas diretamente dos próprios livros de literatura; por isso as histórias para crianças são tão importantes, pois desenvolvem a linguagem, a oralidade, o enriquecimento do vocabulário, permitindo ainda a aproximação com a escrita, e é exatamente no processo de letramento que é a literatura infantil deixa de ser apenas ligada à diversão e aproxima-se do entendimento de fatos reais, a partir das leituras, das imagens e do contato com o livro. As características desse tipo de literatura mostram a presença de temáticas do cotidiano, sendo elas humor, aventura, suspense, com intuito de promover a imaginação e incentivar a construção de um leitor crítico. De acordo com Corsino (2009):

Ler o mundo, ouvir histórias são fatores que influenciam na formação do leitor, uma vez que a formação do leitor se inicia nas suas primeiras leituras de mundo, na prática de ouvir histórias narradas oralmente ou a partir de textos escritos, na elaboração de significador e na descoberta de que as marcas impressas produzem linguagem. (CORSINO, 2009, p. 57)

Carvalho (1989, p. 19) observa que “tirar da criança o encanto da fantasia pela arte, particularmente a arte do desenho, da forma das cores e da literatura (que representa todas), é sufocar e suprimir todas as riquezas do seu mundo interior”. Sendo assim, a literatura infantil, no processo de desenvolvimento da criança, deve ser apresentada de maneira prazerosa, divertida e comunicativa, trazendo diversos fatores positivos como: despertar o interesse em ler, ouvir, imaginar, imitar.

2.3 O TEXTO E A IMAGEM: CONCEITOS INTERLIGADOS

A leitura ultrapassa o campo verbal e atinge várias formas de interpretação e apreensão do objeto de estudo. De acordo com Hunt (2010, p. 37), “a literatura infantil é diferente, mas não menor que as outras. Suas características singulares exigem uma poética singular”.

Conforme Linden (2011, p. 9), o livro ilustrado é considerado “[...] não apenas

um objeto cujas mensagens contribuem para produção de sentido, mas um conjunto coerente de interações entre textos, imagens e suportes”.

Sendo assim, as ilustrações de livros de literatura infantil são de grande importância, pois chamam a atenção da criança e, conseqüentemente, também atraí esse público para a leitura, contribuindo assim para a formação de leitores, no processo de aquisição da leitura e escrita. Ramos (2011) afirma que quando se fala em imagem, no caso do livro infantil contemporâneo, ela não se resume apenas às ilustrações.

O livro de imagem não é um mero livrinho para crianças que não sabem ler. Segundo a experiência de cada um e das perguntas que cada leitor faz às imagens, ele pode se tornar o ponto de partida de muitas leituras, que podem significar um alargamento do campo de consciência: de nós mesmos, de nosso meio, de nossa cultura e do entrelaçamento da nossa com outras culturas, no tempo e no espaço. (CAMARGO, 1995, p. 79)

Compreender uma leitura que está acompanhada de ilustrações demanda perceber as formas de articulação entre palavras e imagens, atribuindo sentidos a ambas. Além disso, considerar que, embora a leitura do escrito seja importante, também se torna de crucial relevância ler competentemente as imagens.

2.4 O PAPEL DA LITERATURA NO PROCESSO DE LETRAMENTO E SUAS CONTRIBUIÇÕES A PARTIR DO USO DE POESIAS

Por muito tempo, acreditava-se que para ser alfabetizado, era necessário conhecer apenas as letras do alfabeto, mas, a alfabetização é apenas um meio. Isso se afirma com base no que é apontado por Magda Soares (1998), que a alfabetização é concebida como um processo de aprendizagem de habilidades que são indispensáveis para realizar a leitura e a escrita. Essa aprendizagem acontece por meio da interação entre um adulto letrado e uma criança em processo de letramento.

A literatura infantil é uma ferramenta importante, visto que facilita o caminho da socialização e o ensino-aprendizagem durante o processo de alfabetização. Kleiman (2005) aponta Paulo Freire como um precursor em utilizar o termo alfabetização.

De acordo com Freire (1993) o estímulo pelo gosto da leitura e da escrita deveria partir da escola durante o momento de escolarização até os anos finais, evidenciando que estudar e ler não são fardos e obrigações, mas uma fonte de conhecimento e prazer.

A alfabetização e a literatura infantil estão sempre interligadas. A partir do momento em que o professor deixa o ensino mais motivador, o nível de qualidade do

ensino-aprendizagem aumenta e é no processo de alfabetização que as crianças se encantam com os recursos didáticos, que são ótimas formas para incentivar o desenvolvimento social das crianças e os processos de letramento literário. A escola, diversas vezes, recorreu à literatura infantil por suas contribuições, como o encantamento e envolvimento provocado por ela (LAJOLO, 2001, p. 66). Não podemos secundarizar a relação entre a escola e a literatura infantil, para desenvolver o prazer pela leitura, principalmente, quando se trata de enaltecer o processo de letramento e alfabetização das crianças.

Desta forma, é possível destacar a literatura infantil como um ponto de partida para apropriação do real e uma convivência com o ficcional, proporcionando à criança então a vivência de algo que a vida cotidiana nem sempre lhe permite, assim como lhe permite que o prazer pelo texto literário, estimulando o gosto e o interesse pelo texto escrito (linguagem). Para esse tipo de público, as narrativas de caráter ficcionais oferecem outra perspectiva de enxergar o mundo, apesar de que essa característica de intensidade literária vai sendo menos encantadora à medida que entram em transição da adolescência para vida adulta, na maioria dos casos.

Corso (2006), afirma que: “A paixão pela fantasia começa muito cedo, não existe infância sem ela, e a fantasia se alimenta da ficção, portanto não existe infância sem ficção” (CORSO, 2006 p. 17). Logo, a fantasia faz parte do imaginário, sendo indissociável da ficção, e para que isso continue funcionando é necessário que os leitores, mais precisamente os pequenos leitores, continuem existindo.

O processo de alfabetização implica em saber ler e escrever, para que assim as práticas de leitura e escrita sejam compreendidas, pois se torna necessário fazer o uso dessas práticas nas diversas situações sociais. Freire (1993) diz que o ato de ler é buscar a compreensão do que foi lido, é por isso a importância do ensino correto da leitura e da escrita.

Os autores mencionados fazem um recorte significativo, pois tratam apenas da criança/infância idealizada, a que cresce em famílias estruturadas, que frequentam escolas etc. Entretanto, sabemos que a criança pobre, em situação de risco, não sabe o que é ficção em formato de livro impresso, mas tem acesso ao mundo ficcional a partir do repertório oral de lendas, causas, mitos, etc e da infância das mídias: TV, celular, tablets, etc.

As práticas de ler e narrar histórias para crianças são considerados momentos prazerosos e significativos, tanto na escola como no ambiente familiar, tornando-se

assim importante esse contato com o texto, literário, pois esse tipo de gênero textual prioriza a ludicidade e fruição.

[...] a possibilidade de conhecer o uso real da escrita, pois é ouvindo e tentando fazer leituras de textos com mensagens que remetem ao universo, às vezes real, às vezes imaginário, que ela descobre a língua escrita como um sistema linguístico representativo da realidade. É ouvindo mensagens com contextos significativos que a criança insere-se num processo de construção acerca da linguagem; aprendizado, portanto, diferente do processo de simples domínio de codificação e decodificação de sentenças descontextualizadas e tão comuns nas cartilhas (MAIA, 2007, p. 82)

O contato com os textos de literatura infantil tem um poder aquisitivo bastante significativo para o professor e a criança no processo de alfabetização e letramento, tornando-se um grande motivador e incentivador na relação ensino-aprendizagem. Desta forma, Soares (2004) afirma:

Se alfabetizar significa orientar a criança para o domínio da tecnologia da escrita, letrar significa levá-la ao exercício das práticas sociais de leitura e de escrita. Uma criança alfabetizada é uma criança que sabe ler e escrever; uma criança letrada (tomando este adjetivo no campo semântico de letramento e de letrar, e não com o sentido que tem tradicionalmente na língua, este dicionarizado) é uma criança que tem o hábito, as habilidades e até mesmo o prazer de leitura e de escrita de diferentes gêneros de textos, em diferentes suportes ou portadores, em diferentes contextos e circunstâncias.” (SOARES, 2004, p. 51)

A literatura infantil no âmbito social e educacional tem sua importância. Explorar esse tipo de livro a partir de suas narrativas e ilustrações não cabe apenas ao leitor, mas também ao professor ser leitor e conhecedor da obra autor e/ou ilustrador, precisando estar preparado para formar sujeitos leitores e críticos. Sendo assim, o processo de alfabetização compartilhado com a literatura infantil qualifica e contextualiza o conhecimento da criança. Assim, afirma Colomer (2017, p. 27), que a literatura ajuda as crianças a descobrirem que existem palavras para descrever o exterior, para nomear o que acontece em seu interior e para falar sobre a própria linguagem.

Quando destacada a literatura nos anos iniciais, é importante ressaltar a poesia, pois ela nos mostra e nos faz buscar sentidos em tudo ao nosso redor, de forma lúdica e prazerosa, partindo de seus elementos como o ritmo, imagens, musicalidade e sonoridade. O trabalho com a poesia nos sensibiliza, mostrando a realidade, além de ampliar a percepção linguística. Pinheiro (2000) diz que quanto aos livros centrais de poemas para crianças no Brasil, pouquíssimos poetas escreveram livros destinados a crianças. Alguns poetas publicaram pouco mais de 5 ou 6 livros, acreditando-se que

seria para manter os critérios de qualidade.

Nas décadas de 80 e 90, os livros de poemas voltados para o público infantil no Brasil tiveram um aumento significativo. Quando refere-se à poesia para crianças, PAES (1996) afirma:

... A poesia tende a chamar a atenção da criança para as surpresas que podem estar escondidas na língua que ela fala todos os dias sem se dar conta delas. Por exemplo, a rima, ou seja, a semelhança dos sons finais entre duas palavras sucessivas, obriga o leitor a voltar atrás na leitura. Esta passa então a ser feita não linha após linha, sempre pra frente, como na prosa, e sim num ir e vir entre o que está adiante e o que ficou atrás. Com isso, desautomatiza-se a leitura e se direciona a atenção para a sequência deles. (PAES, 1996, p. 24-25)

Se oferecidos constantemente poemas de boa qualidade, mesmo que para crianças que não estão habituadas a esse tipo de leitura, haverá uma eficácia educativa, logo, para chegar a esse ponto devemos refletir sobre a função social da poesia. Afastar a criança da relação com os textos poéticos é algo problemático tendo em vista que seu mundo, já que o poético é rodeado de fantasias, imagens e bastante sensibilidade para enxergar as coisas. Assim Bordoni (1989) afirma:

[...] na poesia, o aprendizado possível se produz pela própria estrutura do poema, que seduz e estimula o leitor fisicamente pelos ritmos e efeitos acústicos e intelectual e afetivamente pelas representações ou vivências que suscita (BORDINI, 1989, p. 63)

Embora o avanço tecnológico tenha provocado mudanças na forma de acesso à cultura, disponibilizando para as crianças diversas fontes de saberes como a televisão, internet, dentre outras; apesar de a escola oferecer novas formas de aprendizagem, a criança e a poesia ainda têm uma ligação que continua forte. Não existe limite, de forma mais geral, em assuntos ou temas literários na poesia, mas quando se trata de poesia para infância existem algumas adaptações que devem ser feitas, como por exemplo, o vocabulário e as construções sintáticas devem ser adequados ao público-alvo, em poemas curtos, sem esquecer que é de grande importância a inserção de ilustrações, tendo em vista que esse tipo de recurso atualmente tem um papel fundamental nos textos destinados a crianças, sendo considerado um recurso facilitador do contato com o livro. Ainda é possível destacar a importância dos tipos de letras, o papel escolhido e os formatos dos livros, pois tudo isso contribui para atribuir sentidos ao texto. Sendo assim, a junção de todos esses elementos desenvolve a competência da criança para

apreciar a linguagem poética, além de poder sentir e conseguir perceber o mundo. Assim, como afirma Coelho (1982):

Poesia é arte, é a beleza descoberta em alguma coisa ou em nós: é um sentido especial que o mundo adquire de repente; é uma forma peculiar de atenção que, com simplicidade e verdade, vai até a raiz das coisas para revelá-las de uma nova maneira (COELHO, 1982, p.154)

Desta forma, a poesia tem uma função extremamente importante no desenvolvimento social e intelectual da criança; a partir de palavras, seu entendimento e experiência de mundo são ampliados.

3 CAPÍTULO 2 – A FANTASIA EM DETALHES

As poesias geralmente apresentam características peculiares de seus autores e do período histórico no qual o poeta se encontra, no entanto, também refletem um desejo de expressar algo. Os poemas que serão analisados neste trabalho são contextualizados em literatura infantil, ou seja, refletem um mundo de fantasias escrito na perspectiva de introduzir na leitura para crianças uma experiência que ultrapassa os limites da imaginação, sendo assim, também ultrapassa os limites do tempo e se adequam à interpretação de cada criança, em momentos variados na sua vida. Vale ressaltar a presença da linguagem conotativa e das paródias com ditados populares.

Anterior à ciência e à norma linguística, a palavra poética devolve ao homem a infância do mundo, quando as convenções não estavam demarcadas, os limites da linguagem não estavam estabelecidos, as categorias não tinham ainda sido nomeadas. Com a missão de infantilizar a linguagem, a palavra poética assegura ao homem o usufruto livre e gratuito das potencialidades da linguagem, numa tentativa de reinstaurar o inusitado e o curioso, dando voz à perplexidade e à inquietação humana. A pregação poética cumpre-se como ato de fé e coragem, que desafia o olhar automatizado, a linguagem costumeira e viciada de lugares-comuns. A poesia pega desvios, escapando à obviedade da estrada, reinventando o caminho e o jeito de caminhar. Como, aliás, fazem as crianças, quando se espantam do que não tinham visto, quando fazem analogias surpreendentes. O fazer poético possibilita ao homem a prática da infância, quando a linguagem é um brinquedo flexível, cujas possibilidades estão além do manual de instruções gramaticais. (MARROS, 1990, p. 310)

Quando falamos em poemas voltados para público infantil encontramos elementos destinados a facilitar a compreensão, especificamente neste livro que tomamos como *corpus* de pesquisatemos: linguagem simples, com textos curtos; palavras que não mantêm uma linearidade padrão da estrutura da escrita tradicional, ou

seja, em alguns momentos estão tortas, em outros uma estrofe mais à frente e outra mais atrás, ou com artifícios gráficos como parênteses e letras com tamanhos variados, com outras fontes e coloridas, margens não justificadas entre outros artifícios que objetivam prender a atenção dos pequenos leitores.

O livro que abordamos nesta pesquisa mostra o lúdico utilizado como um meio de interação entre a criança e a leitura no sentido de incentivar e proporcionar o prazer em ler, aprender e desenvolver um parâmetro entre a fantasia e a realidade.

As análises serão feitas com base na estrutura, no contexto na construção do lúdico e nas ilustrações relacionadas a cada poema. Consideramos relevante e necessário estudar um livro que foi selecionado por analistas da educação do Governo Federal para ser incluído nos acervos das bibliotecas públicas de todo país. Isso comprova a qualidade da produção de André Ricardo Aguiar, e em especial, do livro que selecionamos como objeto de pesquisa.

FIGURA 1: De pai para filho

De pai
pra filho



O fantasminha mal saiu das fraldas
e já levando bronca do fantasma pai:

- Cresça e desapareça!

3.1 RELAÇÃO FAMILIAR: UMA COMPLEXIDADE PARTICULAR

As histórias infantis contribuem de forma significativa com o desenvolvimento social e intelectual de nossas vidas. A poesia pode partir de temáticas do mundo imaginário ou ser baseada em histórias reais, com intuito de ser uma forma de educar os leitores mostrando que o mundo de fantasias é maravilhoso, mas que existem momentos que são ruins, ou pessoas que são ruins, e que nem tudo é felicidade, que também existe o mal, a dor, a tristeza, agonia, entre outras coisas que nós convivemos em nossa realidade.

Sendo assim, as poesias, quando escolhidas pelos pais, são geralmente selecionadas com intuito muito particular: para diversão ou para situar os filhos sobre uma situação. Na maioria das vezes aproveita-se a poesia como fonte de apoio para dar uma “lição de moral” ou um ensinamento, sobre determinado tema.

A poesia “De pai pra filho” apresenta uma realidade que acontece em quase todas as famílias: quando os filhos estão crescendo, tendem a querer sua independência e a acharem que sabem das coisas mais do que os adultos. É o momento do seu responsável mostrar que criança é criança e mostrar autoridade, colocando a criança “em seu devido lugar”. Nessas ocasiões há conflitos dos dois lados: crianças querem liberdade e adultos querem impor ordens.

Tem um ditado popular que diz: “nem cresceu e já quer cantar de galo”, quer dizer uma criança pequena e já querendo mandar como um adulto; é o caso deste poema “o fantasma mal saiu das fraldas e já levando bronca do fantasma pai”, sendo assim, o fantasminha nem cresceu e já está sendo reclamado por querer responder como um adulto. É justamente esse um dos fatores mais importantes, pois a criança passa por experiências relacionadas ao desenvolvimento de sua maturidade e não deve desanimar durante as dificuldades que vier encontrar. As formas como a criança (tenta) solucionar essas dificuldades são necessárias para o desenvolvimento da sua personalidade e de suas relações sociais e intelectuais.

O fantasminha está passando pela transição da primeira infância para a segunda, uma fase em que se busca um caminho muitas vezes solitário por ninguém o compreender, para encontrar-se a si mesmo. Sendo uma situação baseada na realidade, insere-se a necessidade da criança estabelecer com os pais uma relação de identificação positiva, para que não aconteça uma regressão no seu desenvolvimento.

A poesia em questão busca preparar a criança para aceitação de acontecimentos como este: a mudança, o desenvolvimento e seus conflitos, inclusive familiares.

Os saberes do leitor criança estão ligados aos sentidos do corpo, ao que é concreto e sensível. Não se constituem por conteúdos livrescos, mas pautam-se em construções anteriores ao processo de escolarização, enraizadas no mundo, na observação da natureza, na experiência. Em sua relação inaugural com a linguagem, a criança toma a palavra como uma matéria feita de sons, cuja relação com os signos artificiais da escrita não está convencionalizada. No exercício de leis de combinação, atração e repulsa, que a gramática não rege, a atuação do ser infantil se liga à materialidade musical das palavras. Para o sujeito infantil, a experiência poética coincide com a apreensão do universo, pois ele lê poeticamente seu entorno, de modo espontâneo e talvez inconsciente, ainda que não conheça, necessariamente, as letras. (MARANGONIL e RAMOS, 2017, p. 330)

Sendo assim, podemos dizer que a poesia adentra a vida da criança trazendo uma compreensão proporcional a sua faixa etária e ao seu nível de conhecimento de mundo, concebendo desde criança o valor analítico crítico da situação, através da interpretação da literatura. Contudo o poema mostra, no contexto geral, que a criança não pode agir como adulto, pois não tem maturidade para isso e precisa de limites para entender como funciona a vida e crescer, tornando-se uma pessoa de maldade para convívio social.

Sobre o padrão linguístico, observar-se que a linguagem apresentada é coloquial, já que se refere a um momento do cotidiano infantil. Por ser mensagem direcionada à criança, é simples e direta, no entanto segue a pontuação da norma culta padrão.

É um poema curto, formado de uma única estrofe de três versos, na qual encontramos um diálogo, uma recriminação pelo comportamento do filho.

No poema existem duas figuras de linguagem: “O fantasma mal saiu das fraudas” é uma figura de palavra a metonímia, relacionado ao crescimento, em seguida “Cresça e desapareça!”, é uma figura de pensamento, a ironia, visto que a tendência do fantasma é desaparecer, sendo assim quando crescer é lógico o desaparecimento, trazendo aqui uma crítica humorística, uma vez que o pai esta relacionando o desaparecimento com o amadurecimento. Encontramos ainda no verso “Cresça e desapareça” uma rima final e uma rima interior pobre, desencadeada por dois verbos.

Não podemos esquecer o modelo de formatação, o poema apresenta uma escrita inclinada, mostrando uma diferença no conhecimento e amadurecimento de ambos; esse desnivelamento encontra-se apenas no primeiro e segundo versos, indicando que quando o filho crescer entenderá das coisas da mesma forma que o pai e conseqüentemente estará equilibrado, por isso o terceiro verso esta alinhado. O título

escrito com letras grandes, em destaque, mostra a relação de pai para filho. A letra grande também é típica da literatura destinada a crianças em processo de alfabetização. E interessante é “de Pai” está acima de “pra filho”, mostrando quem é a autoridade da situação, fazendo uma relação com a imagem que está o pai adulto de frente para a criança. A escrita também é imagem.

O olhar sustenta a palavra poética. A imagem sustenta a palavra poética. Imagem que recobre e descobre o nada no qual ela flutua. As palavras se abrem e se debruçam sobre o seu silêncio interior de imagem. A palavra à procura de suas fontes, de suas raízes, plantadas no nada. Escoamentos. A poesia é o desenho das palavras, não para se pintar ou descrever, mas para se descobrir. (BRANDÃO, 2006, p. 48)

A ilustração é uma fonte de informações que completam todo o poema. Percebemos que existe a ideia tradicional do personagem fantasma, pois pai e filho estão cobertos com um lençol branco, além de que as normas para representação do corpo estão sendo estabelecidas de acordo com padrões humanos, tendo em vista o tamanho do pai que é o oposto do tamanho do filho que ainda usa chupeta. Chama a atenção também o silenciamento da criança, pois não nos é dada a oportunidade de saber o que de mau fez a criança.

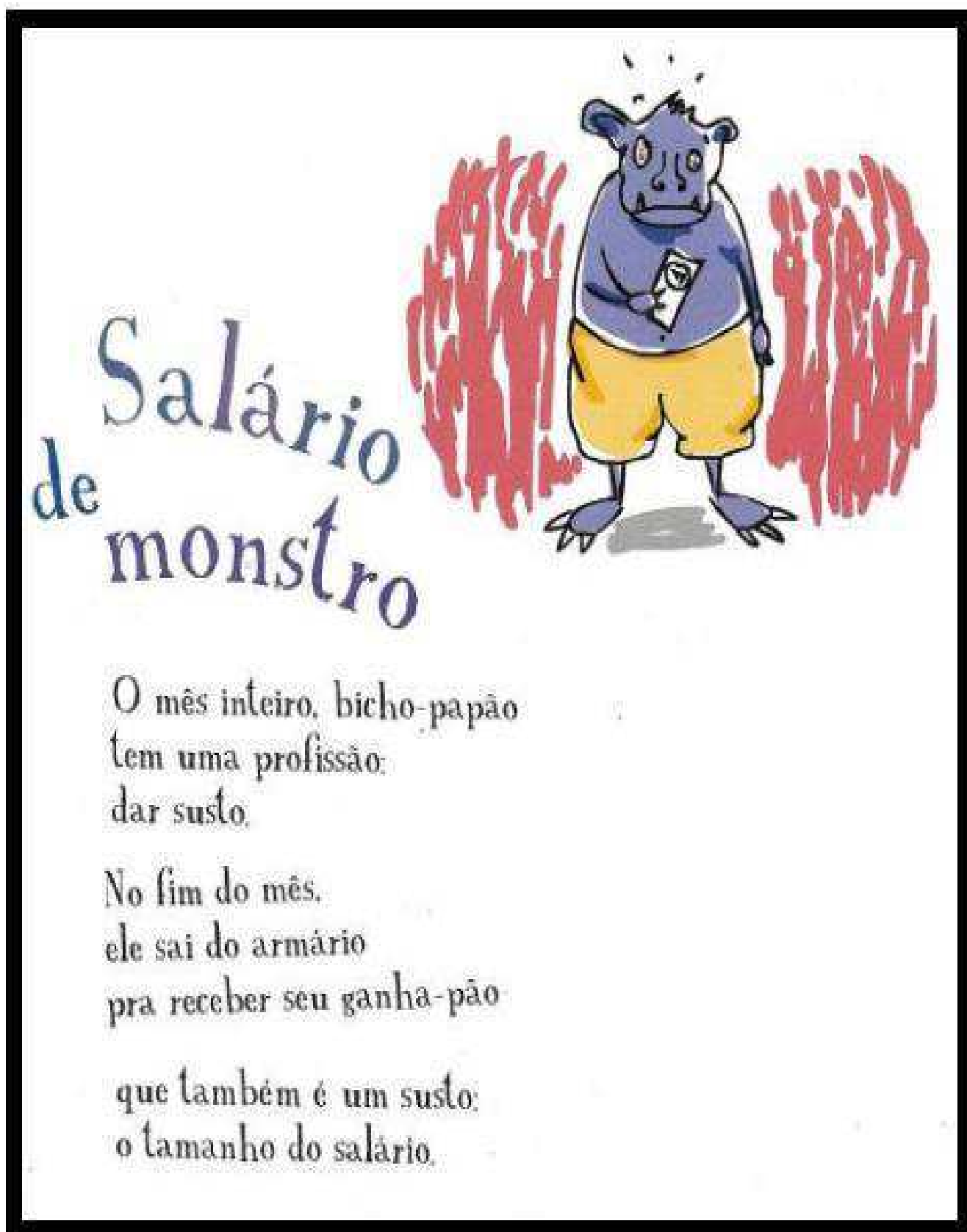
Além disso, o espanto e a indignação do fantasminha, com os olhos arregalados, pois o susto que ele deveria causar por ser um fantasma, ele mesmo tem com a reação do seu pai por causa de seu posicionamento e ao vê-lo tranquilamente com os olhos fechados e fazendo o sinal de negação com o dedo indicador em sua direção. Nicolajeva e Scott (2011) ressaltam a importância da relação do texto e da imagem quando afirmam:

Tanto as palavras como as imagens deixam espaço para leitores/espectadores preencherem com seu conhecimento, experiência e expectativa anteriores, e assim podemos descobrir infinitas possibilidades de interação palavra-imagem. O texto verbal tem suas lacunas e o mesmo acontece com o visual. Palavras e imagens podem preencher as lacunas umas das outras, total ou parcialmente. Mas podem também deixa-las para o leitor/espectador completar: tanto palavras como imagens ser evocativas a seu modo e independentes entre si. (NICOLAJEVA E SCOTT, 2011, p. 15)

Podemos concluir sobre este poema que é possível o adulto levar a criança a observar sua realidade, identificar-se e perceber que a forma como está agindo é errada, sem precisar de palavras bruscas nem violência para fazer a criança entender.

Interessante também o uso de termo “branca”, que é bem mais leve que outros do mesmo campo semântico como "carão", “reprimida”, “insulto” etc.

FIGURA 2: Salário de monstro



3.2 O VERDADEIRO SUSTO: UM MONSTRO SOCIAL

Salário de monstro é um poema com o personagem central, um monstro, personificado. O próprio poema é uma grande figura de pensamento, pois uma prosopopeia “dá vida a um ser inanimado”, que reflete o inverso da retratação real do monstro, ou seja, neste caso não é o monstro que dá medo, mas o salário tão pouco para um monstro que trabalha muito.

Podemos dizer que este poema apresenta uma realidade de nossa sociedade: as pessoas trabalham muito e são remuneradas muito abaixo de seus esforços principalmente as de funções tão árduas. O pagamento, na verdade, é um susto constante na vida da maioria dos trabalhadores, principalmente no Brasil, neste caso específico o poema é um alerta para as crianças, não só pensarem no futuro e verem que existem monstros maiores na realidade, em sociedades onde há exploração da mão de obra dos trabalhadores e desigualdade de condições de vida.

Esse monstro que é construído no poema seria um terror para criança, então nada mais justo do que ele representar o terror que rodeia a vida real dos adultos tendo uma inversão de papéis para, de forma lúdica, simples e brincalhona, mostrar a realidade às crianças e ajudar a elas a superar o medo de monstros fantasiosos, encarando a realidade de monstros produzidos pela sociedade. Temos nesta poesia a arte como meio de expressão da realidade, pois o inconsciente e consciente trabalham em reflexo do que se vê e compreende-se. Como algo essencialmente humano:

A psicanálise necessita da palavra poética para falar do inefável. Ao contrário, a arte é, em si, capaz de comover o humano desde os primórdios as civilização. [...] O poeta, um artesão de palavras que forja o verbo com martelo e bigorna. Forjar a coisicidade da mesma. Como disse Lacan, elevar a língua “à dignidade do indizível”, do objeto perdido, do pulsional em seu efeito sublimatório que se sustenta sobre o nada. [...] Se aproximarmos o fazer psicanalítico e o fazer poético, poderemos dizer que em ambos existe uma capacidade criadora capaz de instaurar novas realidades [...] Por onde desliza o desejo, a representação de coisas fixa-se na palavra, tornando-se visível para o sujeito, ou seja, consciente. As palavras remetem à materialidade sensorial, visual, sonora e corporal da representação, além ou aquém do significado proferido. Uma rede elétrica pulsional com luzes-representações, a acender e apagar ao sabor do desejo que a percorre e a faz cintilar estrelas (BRANDÃO, 2006, p. 46-47-48)

O título do poema está inclinado, como se as palavras estivessem caindo, mostrando o rebaixamento do profissionalismo e a queda do valor pago pelo seu

trabalho, além de vir com letras coloridas com a mesma cor do monstro fazendo o jogo relação ilustração com a escrita.

O poema é dividido em duas estrofes de três versos e uma estrofe de dois versos.

Na primeira estrofe encontramos uma rima rica, “papão” (adjetivo), “profissão” (substantivo), toante, externa e interpolada. Mais uma vez apresentada na linguagem coloquial, mas seguindo a ortografia e acentuação gráfica tradicionais da norma culta padrão da língua. O autor enfatiza o tempo cronológico “mês inteiro”; o personagem principal “bicho papão”, seu trabalho e função, representa as características reais de um humano que trabalha e recebe mensalmente, em uma função difícil.

Na segunda estrofe existe uma continuação do tempo chegando ao fim do mês, mantendo o tempo cronológico e mostrando uma linearidade da profissão, e na última estrofe o autor conclui que o susto maior do que o bicho papão é o salário que recebe. Encontramos mais uma rima entre o segundo verso da segunda estrofe com o segundo verso da terceira estrofe “armário, salário”, aqui uma rima pobre entre substantivos, contudo consoante e interpolada.

A última estrofe começa com letra minúscula, diferente da primeira e segunda estrofes que enfatizam o tempo; a terceira apenas completa ou conclui o sentido da primeira e segunda estrofes.

As três estrofes mais uma vez estão todas projetadas no papel de forma, mostrando entre a vida tem altos e baixos e se mantém da cor do monstro fazendo relação com a visão de como o mesmo é visto por crianças e pessoas diferentes, um conceito que passa de muito assustador a susto divertido.

Quando se identifica com o que leu, quando o escondido do mundo ou da subjetividade se revela, ganha nome, forma e concretude, o leitor encontrou sua chave. Assim, é possível que o lido migre para as vivências do leitor e que o poema mude de lugar (da folha de papel para dentro de quem lê). O leitor se choca, ri ou chora, reagindo ao poema, pois os versos respondem a uma pergunta, ou problematizam uma realidade, concreta ou subjetiva. Quando se sente em frente ao evasivo eco, o leitor encontra algo que o recoloca frente a si mesmo e ao seu entorno. Nesse movimento de transferência, também chamado de interpretação, enquanto se criam sentidos, nada se perde, mas se transformam o texto e o leitor. (ANDRADE, 2004, p. 187)

A ilustração conduz uma leitura visual magnífica, pois o “Bicho-papão”, o animal humanizado, vestido com uma bermuda, descalço, “descabelado” e assustado, retrata um trabalhador assalariado no final do mês que depois de muito trabalhar, chegar em casa cansado, e triste, devido à situação social na qual quanto mais se ganha, mais se

gasta, já que o salário é pouco, os impostos muito altos e tudo de que precisamos para sobreviver materialmente é caro.

A imagem do monstro com apenas um nota na mão e a expressão facial desoladora é uma completa transfiguração da condição de monstro para a humana. Observando-se este ponto, também se vê não só monstruosa a situação da sociedade, mas, monstruosa também a situação da construção do monstro pelo próprio homem em relação à dificuldade enfrentada diariamente, um paradoxo.

Além disso, também ocorre a desconstrução de um personagem aterrorizante e é por meio desse tipo de literatura, que o autor busca mostrar uma transgressão a partir de uma estrutura, um tema e um personagem subvertendo e desmistificando alguns dos valores tradicionais. No trecho “ganha-pão”, que parodia “bicho-papão”, revela uma das principais características de poética de André Ricardo Aguiar: a ironia.

No faz de conta poético, a exploração das possibilidades, a invenção e a inversão têm lugar privilegiado. Como no brinquedo infantil, a convivência entre diferentes temporalidades é possível. A poesia torce o cotidiano, ventilando e nutrindo o que não é óbvio, o que é distante possibilidade. Com frequência, o faz de conta é recurso para o humor, quando o disparate alimenta o riso dos leitores. Há outras ocasiões em que o ingresso nas searas da imaginação colhe a sensibilidade e o movimento empático do leitor, para certos temas ou figuras. (MEIRELES, 2002, p. 93).

Sendo assim, o bicho-papão e todos os outros monstros são a representação de todas as habilidades associadas e animais existentes dentro de nós.

Nas últimas décadas do século XX surgiu uma forte corrente de desmistificação que transformou a maioria destes seres, desde bicho-papão ou bruxas até os lobos, em personagens simpáticos ou ternos, enquanto a mudança psicológica dos temas tratados favoreceu o auge dos monstros como um novo tipo de ser fantástico, já que sua plasticidade e pouca solidez os tornam aptos a encarnar as angústias interiores, os pesadelos e terrores indefinidos que conspiram desde então na literatura infantil. (COLOMER, 2017, p. 36-37)

André Ricardo Aguiar tem como intuito não apenas entreter o público, mas procurar passar um ensinamento de acordo com lendas, mitos e/ou personagens de contos tradicionais, ele realiza uma adaptação para mostrar à criança que além dos personagens e histórias já conhecidas por elas, existe sempre algo mais a ser dito, que os medos devem ser questionados, que a vida real é sempre mais assustadora que qualquer ficção.

FIGURA 3: A alma do negócio

A alma do negócio



Não seria um bom negócio
fabricar rolos de esparadrapos
pras múmias que estão só trapos?

E não daria mais lucro
fazer uma linha de protetor lunar
só pra lobisomem usar?

Não seria um sucesso de vendas
tevês de ectoplasma
pra distrair os fantasmas?

E que sucesso estrondoso
bruxas descendo em vassouras
com trem de pouso?

3.3 O NEGÓCIO DO NEGOCIANTE

O poema “A alma do Negócio” é bem parecido com “Classificados”, com a diferença que o poema “Classificados” deseja vender uma casa e a “A alma do Negócio” deseja vender a ideia de como se deve negociar, mostrar a essência para boas vendas. Mas não é qualquer negócio, são negócios voltados para o mundo imaginário das crianças, onde os monstros têm uma vida normal e, assim como os seres humanos, os monstros também têm suas próprias necessidades.

Então o autor escolheu os principais personagens de terror e sobrenatural que são destacados na literatura infantil: múmia, lobisomem, fantasma e a bruxa, devido serem típicos famosos da literatura, já pensando no rendimento financeiro que estes monstros podem proporcionar. O poema atualiza as histórias clássicas do sobrenatural ao mostrar como seriam, nos dias de hoje, seus enredos feitos para venda/propaganda de produtos da indústria.

Como toda obra de arte, o poema tem uma unidade, fruto de características que lhe são próprias. Ao analisar um poema, é possível isolar alguns de seus aspectos, num procedimento didático, artificial e provisório. Nunca se pode perder de vista a unidade do texto a ser recuperada no momento da interpretação, quando o poema terá sua unidade orgânica restabelecida. Nos textos comuns, não-literários, o autor seleciona e combina as palavras geralmente pela sua significação. Na elaboração do texto literário, ocorre uma outra operação, tão importante quanto a primeira: a seleção e a combinação de palavras se fazem muitas vezes por parentesco sonoro. Por isso se diz que o discurso literário é um discurso específico, em que a seleção e a combinação das palavras se fazem não apenas pela significação, mas também por outros critérios, um dos quais, o sonoro. Como resultado, o texto literário adquire certo grau de tensão ou ambiguidade, produzindo mais de um sentido. Daí a plurissignificação do texto literário. (GOLDSTEIN, 1997, p, 28)

O poeta imagina: para as múmias esparadrapos, pois estão sempre desmanchando e tem uma necessidade contínua de algo que prenda os trapos. Assim como protetor lunar para alguém que em toda lua cheia se transforma em lobisomem. E por que não televisão de ectoplasmas, para manter os fantasmas ocupados ao invés de perderem tempo assustando as pessoas. E um lugar de pouso para as vassouras das bruxas. São produtos de nossa época que facilitariam o entendimento das histórias por crianças de hoje.

O título “A alma do negócio” é uma ironia entre a essência do negócio em comparação com o fantasma, que é o principal personagem de todo o livro e também conhecido como “alma de outro mundo”.

O poema é dividido em 4 estrofes de 3 versos.

Todas as estrofes do poema apresentam rimas externas, emparelhadas, sempre entre os segundos e terceiros versos, com exceção da última estrofe.

Primeira estrofe: rima pobre, consoante, entre substantivos “esparadrapos e trapos”, masculino e plural.

Segunda estrofe: rima rica, toante, entre substantivo, feminino, singular “lunar” e o verbo no infinitivo “usar”.

Terceira estrofe: rima consoante, pobre, entre os substantivos “ectoplasma e fantasma”, singular feminino.

Quarta estrofe: rima rica, toante, intercalada, entre o adjetivo masculino, singular “estrondoso” e o verbo no presente “pouso”.

Uma curiosidade sobre o poema é que o autor não afirma que isso é um negócio lucrativo. Ele pergunta para quem lê se essas ideias que ele teve poderiam ser um sucesso de vendas; ele sabe que é, mas ele está vendendo a ideia de um grande negócio, então deixa à disposição de quem vê acreditar que isso é possível por si só, por isso não afirma e sim pergunta. Uma jogada de marketing brilhante, na qual a alma do negócio não está em quem vende está na visão de quem precisa e compreende. É um poema que estimula a imaginação infantil, abre espaço para imagens criativas e, o mais importante, humaniza os seres sobrenaturais equiparando-os aos sujeitos comuns.

Um autor se faz quando seu texto transgride, se torna um risco e indica um novo lugar, uma responsabilidade a mais deste autor. [...] A arte é transgressora porque criada da amálgama da pulsão da vida e da morte. (BRANDÃO, 2006, p. 51)

A estrutura do poema mostra as linhas tortas, mas não de qualquer forma: a primeira estrofe está descida e segunda subida; a terceira estrofe descida e a última estrofe quase reta mostrando que o negócio assim como a vida tem seus altos e baixos, e quem administra ciente dos prós e dos contras que envolvem o objeto consegue por fim, manter um equilíbrio.

A ilustração traz no título do poema o slogan do negócio, todos da mesma cor azul, mantendo uma ligação entre o poema e a imagem, pois tudo no jogo de vendas que

possibilite chamar a atenção do cliente é essencial para o sucesso dos negócios. Ainda sobre a imagem apresenta “a bruxa procurando um lugar para pousar e ao lado um campo com bandeira vermelha sinalizando um lugar para pousar” indicando como funcionaria uma das ideias que esta vendendo.

A produção de imagens jamais é gratuita, e, desde sempre, as imagens foram fabricadas para determinados usos, individuais ou coletivos. Uma das primeiras respostas à nossa questão passa, pois por outra questão: para que servem as imagens (para que queremos que elas sirvam)? [...] A imagem traz informações (visuais) sobre o mundo, que pode assim ser conhecido. Inclui em alguns de seus aspectos não visuais. A natureza dessa informação varia (num mapa rodoviário, um cartão postal ilustrado, uma carta de baralho, um cartão de banco são imagens cujo valor informativo não é o mesmo), mas essa junção geral de conhecimento e também muito cedo atribuída às imagens [...] reconhecer o mundo visual em uma imagem pode ser útil, além de proporcionar também um prazer específico. Está fora de dúvida que uma das razões essenciais do desenvolvimento da arte representativa, naturalista ou menos naturalista, resulta da satisfação psicológica pressuposta pelo fato de "reencontrar" uma experiência visual em uma imagem, sob forma ao mesmo tempo repetitiva/ condensada e dominável [...] a imagem serve. Portanto, inextricavelmente, a essas duas funções psicológicas; entre outras, além de sua relação mimética mais ou menos acentuada com o real, ela veicula, sob forma necessariamente codificada, o saber sobre o real (tomando dessa vez a palavra "codificado" em um sentido muito próximo ao da semiolinguística). (AUMONT, 2001. p. 78-84)

O poema é repleto de preposições que ligam o que ele deseja criar ao personagem que irá necessitar, fazendo a ligação entre a necessidade e a utilidade de suas criações, mas uma forma de vender.

O poema apresenta técnica de vendas peculiares, por exemplo: Primeiro para vender é preciso conhecer bem o seu produto e o autor conhece bem os personagens, depois é preciso saber a necessidade do cliente, e o autor sabe que esses negócios que ele está propondo ainda não existem, então será sucesso garantido por ser pioneiro; terceiro saber mostrar o que o cliente deseja ver, por fim mostrar que o lucro vai ser vantajoso em relação com o que será investido.

Não se pode escrever sem a força do corpo é preciso ser mais forte do que si mesmo para abordar a escrita... o escrito é o grito das feras noturnas, de todos, de você e eu, o grito dos cães... Ela ainda se acha como no primeiro dia. Selvagem... É a selvageria anterior a vida. (DURAS, 2004, p. 23)

Portanto, o negócio é vender a ideia de negócios e por isso o poeta ou vendedor, podemos dizer, é sagaz e astucioso, ele esta vendendo sem gastar nada apenas lucrando,

empreendendo e vendendo ideias que serão aprovadas e escolhidas pelo próprio negociante que comprá-las. O autor se joga para dentro do mundo imaginário e se posiciona no mundo que criou como parte dos seres sobrenaturais, quando os identifica iguais a humanos, com as mesmas necessidades que temos. Assim sendo, a criança leitora irá mais facilmente estabelecer relação de empatia com esses estranhos personagens, e o medo que eles provocam será reduzido.

FIGURA 4: Classificados

Classificados



Vende-se
 uma casa assombrada
 quase sem mistério.
 Varanda, salas e quartos
 e com os fundos
 para o cemitério.

Vende-se
 com garantia de sossego.
 Só tem uns barulhos
 de rato – e não é rato:
 é o fantasma que sempre
 tropeça nos sapatos.

Vende-se
 com portas que rangem,
 janelas que batem,
 objetos que voam
 de supetão.

Tudo no mais perfeito estado
 de assombração.

3.4 O SEGREDO DA PROPAGANDA É A TRANSPARÊNCIA

O poema “Classificados” é diferente dos outros poemas, pois enquanto os outros apresentam uma espécie de “lição”, podemos dizer, este por sua vez deseja não só informar, mas vender o que nos permite compreender que trata de uma intertextualidade de gênero, ao mesmo tempo em que é um gênero literário: poema também é uma propaganda. Contudo, chama atenção a questão do título: “Classificados”, devido estar relacionado a uma propaganda de jornal na parte que vemos imóveis, automóveis entre outros produtos sendo oferecidos à venda. Sendo assim, a intenção é vender uma casa e por isso precisa de argumentos e artifícios que chamem atenção e convençam o cliente.

A expressão verbal em si mesma, ainda quando reduzida a blocos nominais, atômicos, é serialidade. Implica sempre um mínimo de expansão, de diferenciação. Se assim não fosse toda linguagem morreria logo depois de proferido o "grito original", a interjeição, a onomatopéia. Mas a verdade é que mesmo a poesia mais primitiva, do esconjuro à palavra ritual e à narração mítica, já exhibe todas as estruturas diferenciais da série fonológica, da morfologia, da sintaxe (atribuição, predicação...). Falar significa colher e escolher perfis da experiência, recortá-los, transpô-los, e arrumá-los em uma seqüênciafono-semântica [...]Um autor se faz quando seu texto transgride, se torna um risco e indica um novo lugar, uma responsabilidade a mais deste autor. [...] A arte é transgressora porque criada da amálgama da pulsão da vida e da morte. . (BRANDÃO, 2006. p. 51)

O poema é dividido em 4 estrofes, sendo a primeira e segunda formadas de 6 versos a terceira estrofe de 5 versos e a última de apenas dois versos. Nas três primeiras estrofes, o primeiro verso começa com uma colocação pronominal ênclise “vende-se”, enfatizando o fator principal do poema que é vender a casa. No decorrer do poema o autor destaca as características que ressaltam a importância da casa “assombrada, com os fundos para o cemitério, com garantia de sossego, com portas que rangem, janelas que batem, objetos que voam”, ou seja, uma típica imagem de casa assombrada por fantasmas. Qualidades que nem toda casa tem, mas perfeita para quem procura uma casa com fantasmas. Propaganda excelente para quem procura algo diferente, para impressionar os amigos, para quem procura sossego, vizinhos silenciosos (moradores do cemitério) e aventuras assustadoras.

Formada, a imagem busca aprisionar a alteridade estranha das coisas e dos homens. O desenho mental já é um modo incipiente de apreender o mundo. O

desenho inscrito o faz com o instrumento da mão; e o fato de ser, na criança e no selvagem, um esquema, pura linha, abstração, não significa menor poder sobre o objeto; antes, é sinal de uma força capaz de atingir a estrutura que sustem a coisa, e bastar-se com ela (BOSI, 1977, p. 14)

A linguagem do poema é simples e direta como é de se esperar de uma propaganda, mesmo se tratando de um poema, o cunho principal é humor. No entanto, o destaque para enfatizar um poema está nos detalhes. Ao longo do poema destaca-se continuamente o “V” de vende-se e o “S” que se repetem em assombração, pontos primordiais desta propaganda”.

Na primeira estrofe encontramos uma rima consoante, pobre, externa, intercalada, apesar de partir de substantivos contrários (mistério – substantivo abstrato e cemitério – substantivo concreto). Ainda na primeira estrofe encontramos as figuras de linguagem ironia e paradoxo, quando assinala no segundo e terceiro verso “casa assombrada quase sem mistério”, e no penúltimo e último versos da estrofe “com os fundos para o cemitério” mostra um tom humorístico na forma de argumentar.

Na segunda estrofe existe uma rima pobre consonantal interna entre “fato e rato”, ao mostrar a presença do fantasma na residência. Apresenta uma figura de linguagem, a antítese, visto que se existe barulho, logo não será um lugar sossegado como o vendedor garante. O autor também faz uma brincadeira entre ratos e gatos, já que são esses últimos que gostam de “tropeçar” em sapatos.

Na terceira estrofe encontramos a figura de linguagem assonância em rangem, batem, voam, destacando a estrutura da casa e suas peculiaridades.

Por fim, a última estrofe conclui tudo que foi enfatizando com mais uma ironia “tudo no mais perfeito estado”, ou seja, perfeito estado para quem quer uma casa assombrada, pois normalmente estaria acabada e ninguém teria interesse em comprar.

O poema apresenta um ritmo um pouco mais acelerado, apresentando uma musicalidade a partir das repetições lineares da consoante “s”.

Bem elaborado, o poema não só encanta, por trazer a estilização, mas a criatividade do autor em unir a propaganda ao poema e durante o poema inverter as imperfeições da casa, para qualidades, utilizando os fantasmas como qualificador e diferencial na casa que será vendida. O poema inteiro é outra figura de linguagem implícita, uma *inversão* contextual. Aqui também há o propósito de familiarizar os leitores com realidades do sobrenatural que, como postas no poema, servem mais para divertir do que assustar. A casa se torna um espaço de aventura, e não de medo.

A imagem é um ponto essencial para unir o texto escrito com o texto visual.

A imagem do objeto-em-si é inaferrável; e quem quer apanhar para sempre o que transcende o seu corpo acaba criando um novo corpo: a imagem interna, ou o desenho, o ícone, a estátua. Que se pode adorar ou esconjurar. Mas que assume, nem bem acabado e posto à nossa frente, o mesmo estatuto desesperante da transcendência. (BOSI, 1977, p. 14)

A ilustração é simples, todavia concomitante com a realidade que deseja ser enfatizada; apresenta só duas cores, o branco e o marrom, retratando o vazio de um ambiente como o cemitério e as cores de um caixão que geralmente é popularmente ou marrom ou branco. Também apela para caracterização trazendo o desenho de um fantasma do lado da placa de vende-se, como um convite e uma garantia do que será encontrado dentro da residência.

O que é uma imagem-no-poema? Já não é, evidentemente, um ícone do objeto que se fixou na retina; nem um fantasma produzido na hora do devaneio: é uma palavra articulada. A superfície da palavra é uma cadeia sonora. A matéria verbal se enlaça com a matéria significada por meio de uma série de articulações fônicas que compõem um código novo, a linguagem. Desse código pode-se dizer que é um sistema construído para fixar experiências de coisas, pessoas ou situações. [...] No entanto, a poesia, toda grande poesia, nos dá a sensação de franquear impetuosamente o novo intervalo aberto entre a imagem e o som. A diferença, que é o código verbal, parece mover-se, no poema, em função da aparência-parecença. Esse aparecer é, a rigor, um aparecer construído, de segundo grau; e a "semelhança" de som e imagem resulta sempre de um encadeamento de relações, de modos, no qual já não se reconhece a mimese inicial própria da imagem. (BOSI, 1977, p. 21-23)

O que o poema traz em comum com os outros poemas do livro é que desmistifica o tradicional terror de conviver com fantasmas, numa casa assombrada como algo ruim. Na verdade a casa que é oferecida é tão boa quanto qualquer casa e conviver com fantasmas, cemitérios e portas rangendo, objetos voando e janelas batendo é algo comum, mais do que isso é algo prazeroso e por isso a casa é melhor do que as outras que há pra vender no mesmo classificado. Ela é especial, é o diferencial.

FIGURA 5: Chá de sumiço

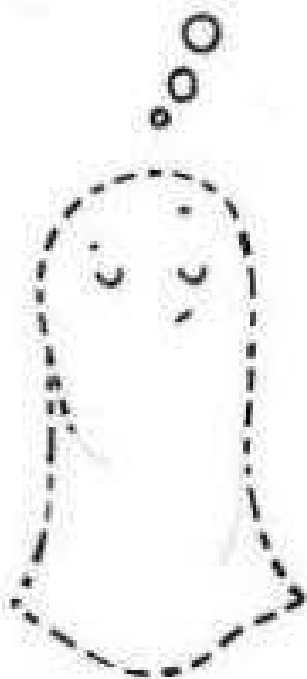
Chá de de sumiço



Fantasminha
não gosta de tomar café:
pode manchar o lençol.

· Não vai correr esse risco.

Ele prefere mesmo
tomar chá
de sumiço.



3.5 O VERDADEIRO SENTIDO DE SUMIÇO

Este poema apresenta um aspecto importante: o título dele tem o mesmo nome do livro. O poema assim como muitos outros é pequeno e direto, e apresenta um tom brincalhão, já que o livro é direcionado a faixa etária infantil.

O autor transforma a leitura em brincadeira e a brincadeira em literatura, visto que todo o livro é formado de poemas que são utilizados para o reflexo da imagem da criança e reflexão da leitura e da literatura através do lúdico.

Em outro nível, a psicanálise, que tanto se ocupou com a gênese do imaginário, tem dado respostas maduras ao problema das suas motivações. A vontade de prazer, o medo à dor, as redes de afeto que se tecem com os fios do desejo vão saturando a imaginação de um pesado lastro que garante a consistência e a persistência do seu produto, a imagem. (BOSI, 1977, p. 18)

Habitualmente temos o costume de falar que alguém tomou *chá de sumiço*, ou seja, desapareceu. Existe uma relação de sentidos entre uma pessoa que não é notada e o fantasma. Neste caso podemos dizer que o poema em si é uma grande figura de linguagem “ironia”, a partir da jogada do autor para enfatizar a importância da presença física.

Contudo, o autor utiliza-se de ações cotidianas, que para algumas pessoas passam despercebidas: “Fantasma não gosta de tomar café, pode sujar o lençol”. Encontramos uma lógica, baseada em acontecimentos reais como, por exemplo: O lençol branco ao cair café sobre ele, fica manchado, então fantasma invisível ficaria visível, o que o deixaria em maus lençóis fazendo aqui um trocadilho. Porém, vindo de outro ângulo, o lençol que o poema retrata está relacionado ao corpo do fantasma e de acordo com os estudos científicos, cafeína de fato escurece os dentes e a pele, pele esta que também seria aqui facilmente interpretada como o corpo do fantasma. O poema continua: “prefere mesmo tomar chá de sumiço”, ou seja, tomar o que não existe, assim como ele precisa desaparecer, em sentido metafórico.

O poema é estruturado em três estrofes: primeira estrofe com 3 versos, segunda estrofe com um verso e terceira estrofe com mais três versos. Dentro desses versos através das rimas, identificamos uma musicalidade como o ritmo de duas crianças brincando.

Na primeira estrofe existe uma rima, pobre, de consoante, interna entre dois verbos tomar e manchar: verbos em primeira pessoa do infinitivo, encontrados no segundo e terceiro versos da primeira estrofe.

A segunda estrofe apresenta um pronome demonstrativo (esse), esclarecendo que o risco é uma possibilidade, que o fantasma pode evitar.

A terceira estrofe, traz em seu último verso uma rima, rica, externa, toante e intercalada entre “sumiço” e o “risco”: substantivos, singular, masculino.

Ainda falando da linguagem, identificamos que o poema esta com a escrita meio torta, simbolizando ou o ritmo que desce o café ao ser tomado na primeira e segunda estrofes ou o fantasma cambaleando tonto ao tomar o café, e isso muda na ultima estrofe quando a escrita está em forma linear, pois se o fantasma não tomar café fica equilibrado e tranquilo, por se manter coerentemente invisível.

A ilustração mostra que tudo o que foi contado no poema se passa na cabeça do fantasma ao pensar em tomar café e quais são as consequências desse ato para sua vida, então, ele se vê com uma xícara ao seu lado, e quando toma o café fica com a boca manchada e facilmente localizável. A expressão facial de quando se vê tomando café é de alguém perdido e preocupado, no entanto a imagem dele é de alguém tranquilo, apenas imaginando as possibilidades que a vida oferece como tomar café, porém ele é um fantasma, logo não pode ou não deve gozar de atitudes humanas.

Outra coisa interessante: o título foi elaborado com a cor marrom, cor essa que é do café que ele toma, tornando a frase “chá de sumiço” um paradoxo com a imagem do pensamento do fantasma expressa.

A experiência da imagem, anterior à da palavra, vem enraizada no corpo. A imagem é afim à sensação visual. O ser vivo tem a partir do olho, as formas do sol, do mar, do céu. O perfil, a dimensão, a cor. A imagem é um modo da presença que tende a suprir o contacto direto e a manter, juntas, a realidade do objeto em si e a sua existência em nós. O ato de ver apanha não só a aparência da coisa, mas alguma relação entre nós e essa aparência: primeiro e fatal intervalo. Pascal: "Figure porte absence et présence." A Imagem pode ser retida e depois suscitada pela reminiscência ou pelo sonho. Com a retentiva começa a correr aquele processo de co-existência de tempos que marca a ação da memória: o agora refaz o passado e convive com ele. (BOSI, 1977, p.13)

O autor do livro comenta: “Desde pequeno, gostava de observar as coisas do mundo. Uma das mais assombrosas era o escuro da noite. Dali eu enxergava muitas histórias e acho que minha imaginação também espiava. Essas mesmas histórias, sem

forma, ficaram guardadas e um dia resolveram cair no papel [...] Gosto de escrever poemas, contos e crônicas. E quando não tenho companhia suficiente, faço amizade com monstros, bichos esquisitos e fantasmas. Eles me incentivam a escrever mais. É uma forma de manter o susto de viver como uma brincadeira” (Chá de sumiço, 2013, p.30). Com essas palavras o autor explica que o real lhe dava medo e o imaginário lhe confortava, levando para mundos nos quais, os monstros eram seus amigos e, diferente das outras crianças, seu medo era o mais difícil de enfrentar: a realidade que se faz presente na escrita e fora dela.

O tempo da escrita é um tempo sempre presente, infinitos segundos se sucedem rumo ao futuro e só se recuperam num passado representado, num contínuo de tempo sem tempo, onde o passado anseia o presente e o futuro se determina como aquilo que será lembrado, num lugar absurdo de presente que sempre se esvai. E neste intervalo vazio, somos nesta ausência de tempo e neste fascínio com o eterno presente sem presença. Um vazio do passado e um vazio do futuro se fazem presente nesta “solidão profética” de um tempo que é para sempre agora, início sem fim, tempo de escrita. (BRANDÃO, 2006. p. 53)

Sendo assim, o título do livro remete que o poeta referencia o fantasma como alguém divertido que ele gosta que faça parte de sua vida; psicologicamente esse fantasma pode ser qualquer um, todos nós temos fantasmas do passado guardados, no entanto, chá de sumiço representa para o poeta uma fuga da realidade, onde monstros são bem menos assustadores do que os monstros enfrentados na vida real, por isso o título do livro, que também é o título deste poema, é uma perplexa busca pelo invisível, pela sensação de silêncio e liberdade de toda agonia, dor e necessidade que passamos cotidianamente. Ludicamente o autor apresenta essa sua perspectiva de realidade encontrando-se entre as crianças e o mundo fantástico de criatividade.

O mundo é mais complicado do que é visto aos olhos de uma criança, mas mesmo sem compreendê-lo as mesmas sentem medo, e muitas vezes introspectam essa versão criando monstros que facilmente desaparecem ao simples abrir dos olhos e sabem que apenas não passou de um grande pesadelo.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Aliteratura é um fenômeno estético, é uma arte, a arte da palavra, de acordo com COUTINHO (2008, p.8). Ainda segundo o autor, a literatura não tem caráter motivador, como o de ensinar, informar ou até mesmo doutrinar, isso pode acontecer de fato, mas não como um caráter obrigatório, pois em alguns casos o leitor procura a literatura como um objeto de descontração, mas a partir da leitura em alguns casos, o leitor consegue encontrar na literatura respostas para suas perguntas/dúvidas, visto que a literatura é vasta por poder conter outras áreas como a história, filosofia, ciência, religião, denúncia social, dentre outras vertentes do conhecimento.

Isso se afirma a partir do pressuposto de que “a literatura confirma e nega, propõe e denuncia, apoia e combate, fornecendo a possibilidade de vivermos dialeticamente os problemas.” (CANDIDO, 2011, p.177)

A contação de histórias não é apenas uma maneira de dar prazer às crianças, pois a partir delas podemos dar o suporte necessário para as possíveis angústias e ajudá-las a compreender o que sentem a partir da ampliação do espaço existente da fantasia, do pensamento e da ficção. Muitas vezes, são nessas histórias que as crianças encontram ilustrações e temáticas que se referem aos temores que enfrentamos ou, certamente, podem iluminar ideias e desejos do nosso interior.

O valor das histórias infantis é desfeito quando alguém detalha os fatos para uma criança, pois apenas ela tem o poder de desvendar os significados mais importantes para tal momento. Sendo assim, é justamente à medida que a criança amadurece que para ela o sentido real da história é alcançado; ela percebe novos aspectos de forma espontânea e intuitiva e, conseqüentemente, compreende que a história por ela conhecida pode revelar tantas outras coisas novas. Esse é o legítimo caminho para o letramento literário: despertar a curiosidade e a imaginação do leitor.

Acredita-se que diversas histórias se perpetuam apenas pelo seu caráter meramente representativo e até mesmo ilustrativo, entretanto, o fantástico, enquanto um elemento presente nessas narrativas exerce de fato a sua função: garantir à criança que realmente trata-se de outra dimensão, mas, que está voltado para a sua realidade o que ali existe.

Cada história tem uma mensagem a passar, um desafio a ser descoberto e um desfecho. As crianças escolhem as narrativas e os poemas que falam não necessariamente de forma direta, mas também de forma indireta sobre temáticas que

asinduzem ao mistério, pois são curiosas e de certa forma procuram o medo, fato esse comprovando quando pedem de forma exaustiva que os adultos repitam os trechos que causam temor nelas.

Sendo assim, podemos concluir que André Ricardo Aguiar busca em sua obra passar para a criança a construção da imagem humana nos monstros a partir da inversão da realidade pela construção da maturidade, tendo em vista que as poesias trazem situações da vida real, pois os seres sobrenaturais trazem consigo uma realidade vivida pelos seres humanos, eles são personificados com emoções e situações, e é a partir disso que eles tornam-se uma representação da realidade de forma delicada, mostrando à criança as situações da vida para que ela entenda e aprenda.

Desta forma, o autor parece tentar manter o susto de viver como uma brincadeira, pois o susto de verdade são os problemas que temos diariamente e é a partir das poesias e do seu caráter lúdico que André Ricardo Aguiar busca mostrar às crianças que os verdadeiros monstros são os que enfrentamos diariamente.

REFERÊNCIAS

- AGUIAR, A. R. **Chá de sumiço e outros poemas assombrados**. Belo Horizonte: Autentica, 2013.
- AGUIAR, A. R. **Facebook**, 2017. Disponível em: <<https://www.facebook.com/photo.php?fbid=10155193607424901&set=a.477087519900.261683.717009900&type=3&theater>>. Acesso em: 20 out. 2018.
- ANDRADE, C. D. Procura da poesia. In: ANDRADE, C. D. **Antologia poética**. Rio de Janeiro. 2004. 187p.
- AUMONT, J. **A imagem**. Campinas: Papyrus, 2001.
- BARBOSA-FILHO, M. **Introdução à pesquisa: método, técnicas, instrumentos**. João Pessoa: A União, 1994.
- BENTES, A. C.; KOCH, I.G.V.; CAVALCANTE, M. M. **Intertextualidade: diálogos possíveis**. São Paulo: Cortez, 2007.
- BETTLHEIM, B. **A psicanálise dos contos de fadas**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1997.
- BORDINI, M. G. Poesia e consciência lingüística na infância. In: SMOLKA, A. L. B. et al. **Leitura e desenvolvimento da linguagem**. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1989. p. 53-68.
- BOSI, A. **O ser e o tempo da poesia**. São Paulo: Cultrix, 1977.
- BRANDÃO, M. Poesia, psicanálise e ato criativo: uma travessia poética. **Estud. psicanal.**, n. 29, Belo Horizonte, set. 2006.
- CADEMARTORI, L. **O que é literatura infantil**. 3. ed. São Paulo: Editora Brasiliense S.A, 1987.
- CAMARGO, L. **Ilustração do livro infantil**. Belo Horizonte: Ed. Lê, 1995.
- CANDIDO, A. **Vários Escritos**. 5. ed. Rio de Janeiro: Ouro sobre Azul, 2011. 272p.
- CARVALHO, M. C. M. **Construindo o saber – Metodologia científica: Fundamentos e técnicas**. 14. ed. Campinas: Papyrus, 1989.
- COELHO, N. N. **A literatura infantil: história, teoria, análise: das origens orientais ao Brasil de hoje**. 2. ed. São Paulo: Quíron/Global, 1982.
- COELHO, N. N. **Literatura Infantil: teoria, análise, didática**. São Paulo: Moderna, 2000.
- COLOMER, T. **Introdução à literatura infantil e juvenil atual**. 1. ed. São Paulo: Global, 2017.
- CORSINO, P. **Prática Educativa da Língua Portuguesa na Educação Infantil**. Curitiba: IESDE Brasil/A, 2009.
- CORSO, D. L. CORSO M. **Fadas no divã: psicanálise nas histórias infantis**. Porto Alegre: Artmed, 2006.
- COUTINHO, A. **Notas de teoria literária**. Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes, 2008.

DURAS, M. **Escrever**. Rio de Janeiro: Rocco, 1994.

EDITORA PATUÁ. Disponível em:

<http://www.editorapatua.com.br/index.php?option=com_content&view=article&id=111> Acesso em: 22 nov. 2018.

FREIRE, P. **A importância do ato de ler: em três artigos que se completam**. São Paulo. Cortez, 1989.

FREIRE, P. **Professora sim tia não: cartas a quem ousa ensinar**. São Paulo: Olho d'água, 1993.

GALVÃO, M.C.B. **O levantamento bibliográfico e a pesquisa científica**. Disponível em:
<http://www2.eerp.usp.br/Nepien/DisponibilizarArquivos/Levantamento_bibliografico_CristianeGalv.pdf>. Acesso em: 26 mai. 2018.

GERHARDT, T. E.; SILVEIRA, D. T. **Métodos de pesquisa**. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2009. 120 p. Disponível em:
<<http://www.ufrgs.br/cursopgdr/downloadsSerie/derad005.pdf>>. Acesso em: 27 mai. 2018.

GOLDSTEIN, N. **Versos, sons, ritmos: serie princípios**. 14. ed. São Paulo: Ática, 1997.

HUNT, P. **Crítica, teoria e literatura infantil**. São Paulo: Cosac Naify, 2010.

KLEIMAN, A. **Oficina de leitura: teoria e prática**. 7. ed. Campinas: Pontes, 2000.

KLEIMAN, A. **Preciso ensinar o letramento: não basta ensinar a ler e a escrever? Linguagem e letramento em foco**. 2005. Disponível em:
<<https://oportuguesdobrasil.files.wordpress.com/2015/02/kleiman-nc3a3o-basta-ensinar-a-ler-e-escrever.pdf>> Acesso em: 18 dez. 2018.

LAJOLO, M. **Do mundo da leitura para a leitura do mundo**. São Paulo: Ática, 2001.

LAJOLO, M. **Literatura infantil brasileira: história e histórias**. 6. ed. São Paulo: Ática, 1999.

LAJOLO, M. ZILBERMAN, R. **Literatura Infantil brasileira: história e histórias**. 1984.

LINDEN, S.V. **Para ler o livro ilustrado**. São Paulo: Cosac Naify, 2011.

MAIA, J. **Literatura na formação de leitores e professores**. São Paulo: Paulinas, 2007.

MARANGONI, M. C. T.; RAMOS, F. B. **Um estatuto para poesia infantil Contemporânea: reflexões a partir do PNBE**, 2017.

MARROS, M. **Gramática expositiva do chão: poesia quase toda**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira. 1990. 310p.

MEIRELES, C. **Ou isto ou aquilo**. Rio de Janeiro, 2002. 93p.

NIKOLAJEVA, M.; SCOTT, C. **Livro ilustrado: palavras e imagens**. São Paulo: Cosac Naify, 2011.

- OLIVEIRA, M. M. **Como fazer pesquisa qualitativa**. Petrópolis: Vozes, 2007.
- PAES, J. P. **Poesia para crianças**. São Paulo: Giordano, 1996.
- PEDROSO-JUNIOR, N. C. P. **Jacques Derrida e a desconstrução**: uma introdução. Encontros de vista. Disponível em:
<http://encontrosdevista.com.br/Artigos/Neurivaldo_Junior_Derrida_e_a_desconstrucao_uma_introducao_final.pdf> Acesso em: 22 nov. 2018.
- PINHEIRO, H. **Pesquisa em literatura**. 2. ed. Campina Grande: Bagagem, 2011.
- PINHEIRO, H. **Poemas para crianças**: reflexões, experiências, sugestões. São Paulo: Duas Cidades, 2000.
- PINHEIRO, H. **Poesia na sala de aula**. 1. ed. São Paulo: Parábola, 2018. 152p.
- PNBE NA ESCOLA. Literatura fora da caixa. Disponível em:
<http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com_docman&view=download&alias=15608-guia-ef-leituraforadacaixa-pdf&category_slug=maio-2014-pdf&Itemid=30192>
Acesso em: 15 dez. 2018.
- POSTIC, M. **O imaginário na relação pedagógica**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1993.
- RAMOS, G. **A imagem nos livros infantis**: caminhos para ler o texto visual. Belo Horizonte: Autêntica, 2011.
- RESSURREIÇÃO, J. B. **A importância dos contos de fadas no desenvolvimento da imaginação**. Rio Grande do Sul: Facos, 2005.
- SOARES, M. **Alfabetização e letramento**: um tema em três gêneros. Belo Horizonte: Autêntica, 2004.
- SOARES, M. **Letramento**: um tema em três gêneros. Belo Horizonte: CEALE/Autêntica, 1998.
- ZILBERMAN, R.; LAJOLO, M. **A Formação da Leitura no Brasil**. Editora Ática, 1985.

ANEXOS

Livro Completo





Chá
de sumiço
e outros poemas assombrados



André Ricardo Aguiar
ilustrações: Luyse Costa

autêntica

Copyright © 2013 André Ricardo Aguiar
Ilustrações © 2013 Luíse Costa
Copyright © 2013 Autêntica Editora

Edição geral
Sonia Junqueira (T&S - Texto e Sistema Ltda.)

Edição de arte e projeto gráfico
Diogo Droschi

Revisão
Eduardo Soares

AUTÊNTICA EDITORA LTDA.
Editora responsável
Rejane Dias

Revisado conforme o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa de 1990,
em vigor no Brasil desde janeiro de 2009.

Todos os direitos reservados pela Autêntica Editora. Nenhuma parte desta
publicação poderá ser reproduzida, seja por meios mecânicos, eletrônicos,
seja via cópia xerográfica, sem a autorização prévia da Editora.

AUTÊNTICA EDITORA LTDA.

Belo Horizonte

Rua Almorés, 981, 8º andar . Funcionários
Belo Horizonte . MG . 30140-071
Tel.: (55 31) 3214 5700

Televendas: 0800 283 13 22
www.autenticaeditora.com.br

São Paulo

Av. Paulista, 2.073, Conjunto Nacional,
Horsa I, 11º andar, Conj. 1101
Cerqueira César . São Paulo . SP
01311 940
Tel.: (55 11) 3034 4468

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Aguiar, André Ricardo
Chá de sumiço e outros poemas assombrados /
André Ricardo Aguiar ; ilustrações Luíse Costa. –
Belo Horizonte : Autêntica Editora, 2013.

ISBN 978-85-8217-175-2

1. Literatura infantojuvenil I. Costa, Luíse. II. Título.

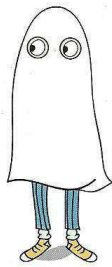
13-00863

CDD-028.5

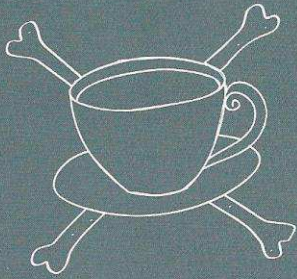
Índices para catálogo sistemático:

1. Literatura infantil . 028.5
2. Literatura infantojuvenil . 028.5

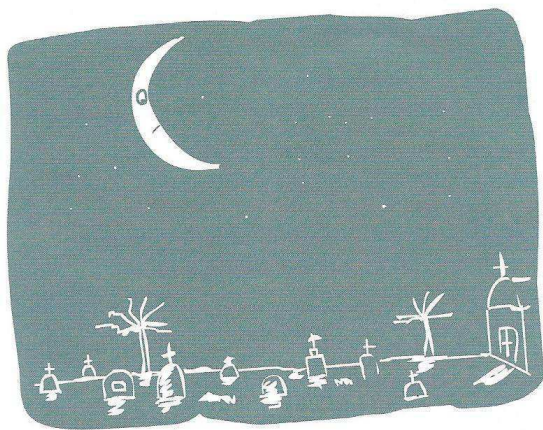
5. Lua de coveiro
6. A noiva do Frankenstein
7. Salário de monstro
8. Chá de sumiço
9. Uma galinha
10. Três limeriques assombrados
11. O menor vampiro do mundo
12. O morto vivo
13. Classificados
14. Profissão
15. Sono do morcego
16. A alma do negócio



17. Papo
18. Camaradagem
19. História Natural
20. Almas
21. O cabeleireiro da Medusa
22. Último conselho
23. Lobo *by night*
24. Fina educação
25. De pai pra filho
26. Pulga atrás da orelha
27. Zumbi (noite em claro)
28. Saúde
29. Pedido



Lua de coveiro



Tem nada demais
que a Lua vá minguar
no cemitério:

ela também não tem
onde cair morta.

A noiva do Frankenstein



Quando Frankenstein
pediu a mão da sua noiva em casamento
ela não se fez de rogada:
deu, mas perguntou o porquê.

Ao que o monstro respondeu:
- Gosto de levar comigo
um pedaço de você.

Salário de monstro



O mês inteiro, bicho-papão
tem uma profissão:
dar susto.

No fim do mês,
ele sai do armário
pra receber seu ganha-pão.

que também é um susto:
o tamanho do salário.

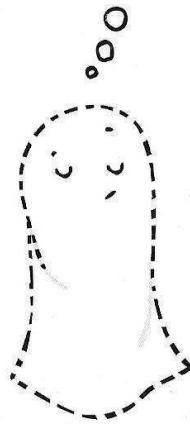
Chá de sumiço



Fantasminha
não gosta de tomar café:
pode manchar o lençol.

Não vai correr esse risco.

Ele prefere mesmo
tomar chá
de sumiço.





Uma galinha

Quando sua galinha de estimação morreu,
Joãozinho não se conformou:

ficou na esperança de que ela aparecesse
qualquer noite, rondando o galinheiro,
com jeito de alma penada.

Três limeriques assombrados

1.
Havia uma velha casa em Bagé
cujos fantasmas dormiam em pé;
por isso, acordavam aborrecidos
e tudo eram correntes e gemidos
na velha casa de Bagé.



2.
Havia um senhor em Montevideú
que insistia em cobrar aluguel
do monstro que habitava o porão
e que emporcalhava todo o chão
daquele pobre senhor de Montevideú.

3.
Havia um velório em Zanzibar
em que o morto não tinha como se acomodar
com o caixão torto e estreito;
pediu que um marceneiro desse um jeito
para prosseguir o velório em Zanzibar.

O menor vampiro do mundo



O menor vampiro do mundo
quando queria morder
sempre usava uma escadinha.

Quase não ia ao banheiro
e fugia – oh, trabalho! –
de espelhos e bafo de alho.

Usava uma dentadura
meio vagabunda de enfeite
pra não perder a compostura.

Até porque o vampirinho
(monstruoso segredo!)
ainda tinha dente de leite.

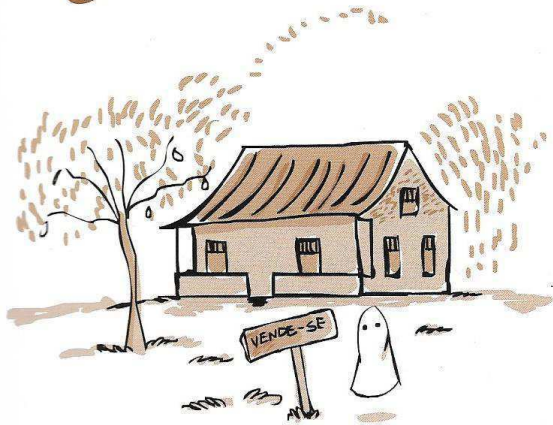
O morto vivo



Do lado de fora, não quis dizer "ó de casa!"
depois de tantas voltas
à procura da entrada
(e também de solução).
Avisitou o coveiro
bem ali no portão, não perdeu tempo
e disse:

- O senhor por favor
faça-me uma caridade, chame a minha família,
que deve estar mortinha, mortinha
de saudade.

Classificados



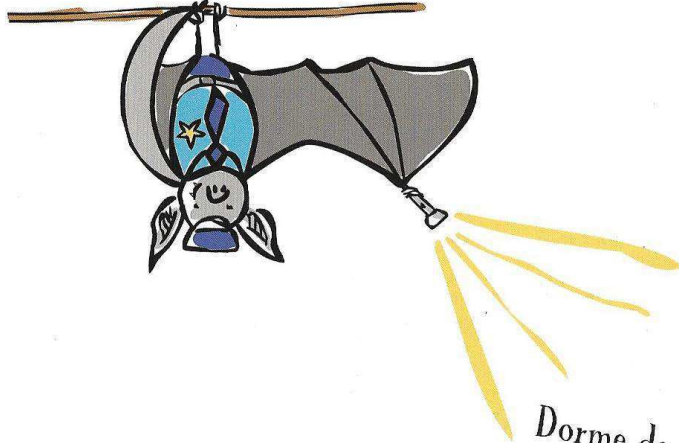
Vende-se
uma casa assombrada
quase sem mistério.
Varanda, salas e quartos
e com os fundos
para o cemitério.

Vende-se
com garantia de sossego.
Só tem uns barulhos
de fato – e não é rato:
é o fantasma que sempre
tropeça nos sapatos.

Vende-se
com portas que rangem,
janelas que batem,
objetos que voam
de supetão.

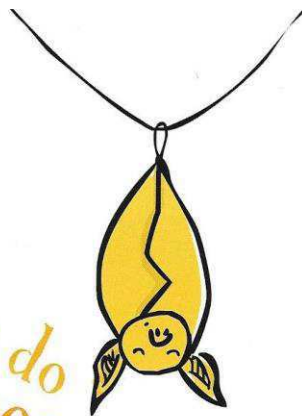
Tudo no mais perfeito estado
de assombração.

Profissão



Dorme de dia, trabalha de noite
e detecta, como um radar,
tudo ao redor com muito apego
enquanto estiver no seu turno.

- É o guarda-noturno?
- Não, é o morcego.



Sono do morcego

Que nó cego
é o sono do morcego
com essa mania de pingente!

É de sua laia
sempre dormir nesse estilo
tomara que caia.

A alma do negócio



Não seria um bom negócio
fabricar rolos de esparadrapos
pras múmias que estão só trapos?

E não daria mais lucro
fazer uma linha de protetor lunar
só pra lobisomem usar?

Não seria um sucesso de vendas
tevês de ectoplasma
pra distrair os fantasmas?

E que sucesso estrondoso
bruxas descendo em vassouras
com trem de pouso?

Papo



"O susto já está no papo!"
pensa o bicho-papão
ao espreitar o quarto
do menino.

E só a muito custo
sai de fininho
ao ver o menino em altos papos
com o bicho-papinho.

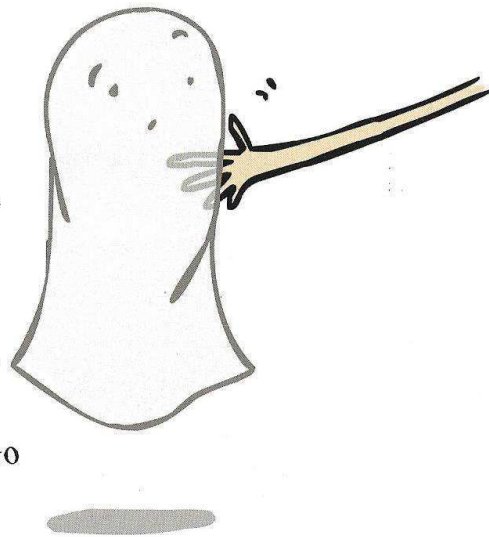
Camaradagem

Não há nada o que ver
no fantasma
a não ser ver, através dele,
que dentro e fora
é tudo igual.

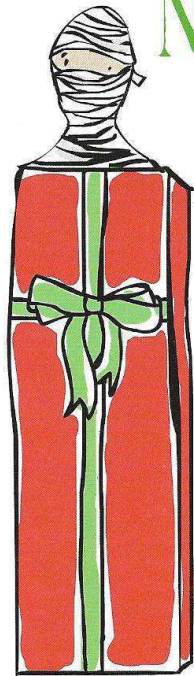
Caso haja o que ver
no fantasma,
ainda assim não há motivo
pra tanto assombro.

Só que tem gente
que ainda insiste
em bater no seu ombro
e dizer:

- Ah, fantasma, você não existe!



História Natural



Depois de tanto ouvir
"Como você está conservada!"
a múmia sacudiu a poeira
e disse que cansou
de se sentir enrolada.

Chega de histeria!
Vestiu um papel de embrulho
e se deu de presente
para o museu
de Arqueologia.

Almas



Na infância, eu colocava alma onde queria
que florisse um acontecimento.

Casa assombrada tinha alma
correndo de parede a parede.

Pedra com formato de frade ou esfinge
tinha alma lodosa.

Fresta de luz no telhado
era coador de alma no céu.

Caminho perseguindo o mato era alma de matuto.

E eu ainda sonhava com alma do outro mundo
dizendo-se assombrada
com gente do nosso mundo...

O cabeleireiro da Medusa

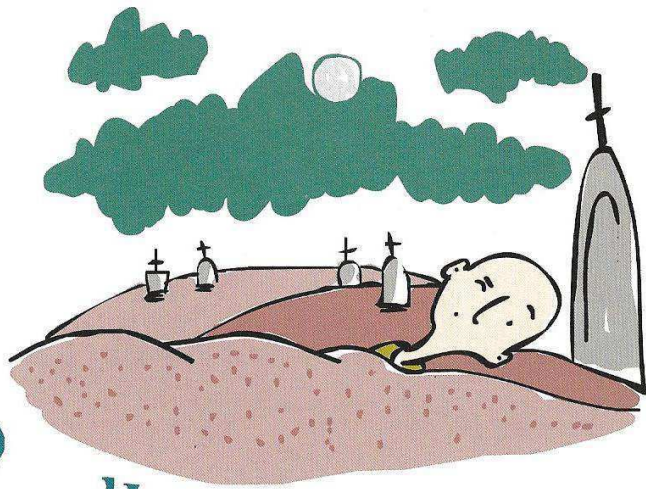


Quando Medusa ia pra cidade
com sua cabeleira espantosa
feita de cobras
o cabeleireiro
sempre a atendia.

Pra não ficar no prejuízo
(ser pente de pentear serpentes)
o cabeleireiro da Medusa
fazia vista grossa
pro espelho
e cuidava pra não cortar,
só cobrar.

Ou seria o fim da picada.

Último conselho



Se for morar no cemitério
e não se der bem com os vizinhos,
relaxe.

Melhor fingir-se de morto.

Lobo *by night*



Aquele lobisomem do litoral
até que gostava
de uma balada.

Pegava seu violão
e saía toda sexta à noite
para o luau.

Em vez de uivar
sempre cantava:

Eu sou o lobo mau!
Eu sou o lobo mau!

Fina educação



Aquele vampiro
era tão fino, tão amável
que não pegava as vítimas
no sopapo, só no papo
e com aquele ar
de *gourmet*

pedia sempre ao criado
antes da vítima morder:
por favor, pode me passar
o guardanapo?

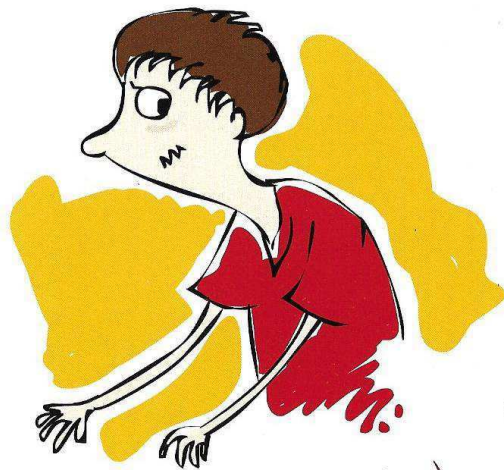
De pai
pra filho



O fantasminha mal saiu das fraldas
e já levando bronca do fantasma pai.

- Cresça e desapareça!

Pulga atrás da orelha



(pra ler sem olhar atrás)

Que bicho que te mordeu?

A cuca, coitada,
de tão velha
já anda banguela.

O vampiro, tão frequente,
começa a ter
cârie nos dentes.

O ogro, que esquisito,
diz que em boca fechada
não entra mosquito.

Só sobramos tu e eu.
Então... que bicho
que te mordeu?!

Zumbi

(noite em claro)



Alguém tem que avisar ao zumbi
nem que seja à porta do cemitério
que pare de gemer, se não sente dor,
que pare de se viciar em filme de terror,
que trate de dormir de uma vez
e que o resto não importa.

Tem quem queira dormir
tem quem queira sonhar
e não se incomodar com gente
que fica em cima do muro a decidir
se é gente viva ou gente morta.



"A mula-sem-cabeça
solta fogo pelas ventas."

Olha só o que o povo inventa!

E se espirra, a infeliz...
com que nariz?



Pedido

Se eu morrer um dia,
se minha sombra não tiver um corpo
para se escorar,
se eu tentar fazer barulho e só sair mímica,
se eu descobrir meu nome apagado,
e se eu me olhar no espelho e não me achar,
se um dia não precisar de maçaneta
pra ir de um cômodo a outro,
se eu passar pela cozinha e não sentir fome,
e se eu não tiver ouvidos para o telefone,
e pé e topada não se toparem,
e se a casa ficar assombrada com minha risada,
mesmo assim, a todo custo,
se eu conseguir chegar até você,
promete, jura que promete,
não levar um baita susto?

O autor

Nasci em Itabaiana, Paraíba. Atualmente, moro em João Pessoa e desenvolvo ações culturais na área literária. Desde pequeno, gostava de observar as coisas do mundo. Uma das mais assombrosas era o escuro da noite. Dali eu enxergava muitas histórias e acho que minha imaginação também espiava. Essas mesmas histórias, sem forma, ficaram guardadas e um dia resolveram cair no papel.

Com o tempo, depois de crescido, resolvi ser escritor. Fiz livros para adultos e alguns para crianças. Dediquei um tempo à prática de revisar textos, depois trabalhei em jornal e me envolvi com projetos de leitura e acesso ao livro. Tenho uma filha, e ela foi inspiração o bastante para eu criar personagens.

Gosto de escrever poemas, contos e crônicas. E quando não tenho companhia suficiente, faço amizade com monstros, bichos esquisitos e fantasmas. Eles me incentivam a escrever mais. É uma forma de manter o susto de viver como uma brincadeira. Vale a pena.

André Ricardo Azevedo

A ilustradora

Desde criança eu já desenhava criaturas estranhas. Quando pequena, lembro-me de ter vivido muitas aventuras no sítio em que morava com minha família, na Paraíba. Já corri de mãos dadas com o Curupira e conversei com um Bicho-Papão, que se escondia atrás da porta da cozinha. Soltei pipa à noite com o Conde Drácula e brinquei de cabra-cega com o Lobo Mau.

Quando cresci, passei a conviver mais com os seres humanos. A fim de tentar entendê-los, fui estudar História na faculdade. Sai de lá sem grandes certezas sobre essa confusão que são as pessoas do mundo. O homem é um bicho danado de complicado. Então, resolvi voltar para o mundo dos seres imaginários de minha infância.

O tempo passou, comecei a ilustrar profissionalmente para agências e produtoras e não parei mais. Hoje, moro em São Paulo, uma cidade gigante, que também tem lá suas criaturas esquisitas, com quem posso conversar. Por entre uma porção de prédios tortos, meus amigos Godzilla e King Kong costumam vir me visitar. Quando estou com eles, o papo é bom, e minha imaginação é capaz de bater asas e voar.

Luísa Costa.



Esta obra foi composta com a tipografia
A Font With Serifs e impressa em papel Couché Fosco 150 g/m²
na Formato Artes Gráficas para a Autêntica Editora.



ISBN 978-85-8217-175-2



9 788582 171752

“*Chá de sumiço e outros poemas assombrados* pode ser lido de várias formas. É um conjunto de **deliciosos** e **marotos** minicontos de **terror**. Mas é também a crônica dos personagens de terror – **Frankenstein**, **vampiros**, **morcegos**, **almas penadas**, **coveiros**, **bichos-papões** –, cada um às voltas com suas pequenas aflições e dilemas **cotidianos**, mostrando como os **monstros** também são gente como a gente. E, claro, *Chá de sumiço* é também **poesia**: são poemas **lúdicos** e **líricos**, curtos e **bem-humorados**, lembrando, muitas vezes, os versos de José Paulo Paes, que há décadas vêm conquistando os leitores mirins.

Contista, cronista e poeta, André Aguiar tem um **estilo marcante**, mas ao mesmo tempo **múltiplo**, com textos que narram, mostram, sugerem, **brincam** e **questionam** nossos pequenos e grandes medos.”

Leo Cunha

“*Chá de sumiço e outros poemas assombrados* provoca arrepios. Mas não são de medo e sim de puro **prazer**. André Ricardo Aguiar **joga** com as **palavras** como a criança grande e culta que é. No texto, o cronista – bom observador do **cotidiano** – junta-se ao poeta, e o resultado é um apanhado que transforma situações **terríveis** em deliciosos **jogos de linguagem**. É livro para quem gosta de **espantos** – e o maior de todos eles é ler esses pequenos **poemas** e descobrir **novas** e **inusitadas** facetas para nossos **medos infantis**.”

Rosa Amanda Strausz

autêntica
www.autenticaeditora.com.br